



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC I
CENTRO DE ESTUDOS EM GÊNERO, RAÇA/ETNIA E
SEXUALIDADE DIADORIM
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO, RAÇA/ETNIA E
SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DE EDUCADORAS (ES)

JESSICA DOS ANJOS OLIVEIRA

**“Água Negra e Outras Águas”: instrumento de empoderamento e
representatividade para as estudantes negras baianas do ensino médio
público**

Salvador

2019

JESSICA DOS ANJOS OLIVEIRA

“Água Negra e Outras Águas”: instrumento de empoderamento e representatividade para as estudantes negras baianas do ensino médio público

Monografia apresentada a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Educação, Campus I, como pré-requisito para a conclusão do curso de Especialização em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras (es) – CEGRESFE.

Orientador (a): Prof^a M^a Raphaella Silva Pereira de Oliveira

Salvador

2019

JESSICA DOS ANJOS OLIVEIRA

“Água Negra e Outras Águas”: instrumento de empoderamento e representatividade para as estudantes negras baianas do ensino médio público

Monografia submetida à aprovação da Banca Examinadora, como requisito para a obtenção do título de Especialista pelo Departamento de Educação Campus I, da Universidade do Estado da Bahia.

Aprovada em: 23/09/2019

Banca Examinadora:

Raphaella Silva P. de Oliveira

Prof^a M^a Raphaella Silva Pereira de Oliveira – Orientador(a)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Neila Roberta Carvalho Ramos

Prof^a M^a Neila Roberta Carvalho Ramos
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Dayse Sacramento de Oliveira

Prof^a M^a Dayse Sacramento de Oliveira
Instituto Federal da Bahia (IFBA)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, minha orientadora, minhas alunas do ensino médio público baiano e, também, a autora Lívia Natália.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe e a meu querido esposo pela força transmitida para a realização desta pesquisa e pelo apoio em todas as minhas batalhas pessoais.

Às professoras, professores e colegas deste curso por todo o conhecimento que pude adquirir durante o processo e pelas aulas presenciais magníficas.

À minha orientadora, a professora e Mestra Raphaella Silva Pereira de Oliveira por toda a dedicação e empenho durante a construção desta pesquisa.

E um agradecimento especial ao universo por conspirar a favor de minha participação neste curso.

RESUMO

Este trabalho busca analisar como o livro poético “Água Negra e Outras Águas” (2016) da autora negra baiana Livia Maria Natália de Souza Santos pode contribuir para o processo de ensino-aprendizado das estudantes negras do ensino médio público da Bahia. Dessa maneira, procura-se apreender a significância da literatura negra feminina para a representatividade e empoderamento dessas alunas. Ademais, este estudo se trata de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, considerando a natureza do objeto, utilizou-se do recurso da referência teórica com base nas ideias, principalmente de Ana Rita Santiago da Silva (2010), Audre Lorde (1984), bell hooks (1995), Florentina da Silva Souza (2005), Luiz Cuti (2010), Munanga (1996), Regina Dalcastagnè (2005) e Stuart Hall (2005). Além disso, analisa também documentos oficiais como a LDB (1996), os PCNEM (2000) e a BNCC (2018) no que se referem a literatura na escola. Assim, a pesquisa apontou que os poemas de “Água Negra e Outras Águas” correspondem ao esperado pelos documentos legais ligados ao ensino e contribuem para o gerenciamento de situações de conflito no espaço escolar. Diante disso, pode-se concluir que o trabalho pedagógico com essa obra literária possibilita a propagação de uma educação antirracista.

Palavras-chave: Ensino de literatura no ensino médio. Literatura Negra feminina. Livia Natália. Alunas negras baianas. Representatividade. Empoderamento.

ABSTRACT

This paper aims to analyze how the poetic book "Água Negra e Others Águas" (Black Water and Other Waters) (2016) by the black Bahia author Livia Maria Natália de Souza Santos can contribute to the teaching-learning process of black high school students in Bahia. In this way, we try to apprehend the significance of black female literature for the representativeness and empowerment of these students. In addition, this study is a qualitative bibliographical research, considering the nature of the object, using the resource of theoretical reference based on the ideas mainly of Ana Rita Santiago da Silva (2010), Audre Lorde (1984), bell hooks (1995), Florentina da Silva Souza (2005), Luiz Cuti (2010), Munanga (1996), Regina Dalcastagnè (2005) and Stuart Hall (2005). In addition, it also analyzes official documents such as LDB (1996), PCNEM (2000) and BNCC (2018) as far as literature in the school is concerned. Thus, the research pointed out that the poems of "Água Negra and Other Waters" correspond to what is expected by legal documents related to teaching and contribute to the management of conflict situations in the school space. In view of this, it can be concluded that the pedagogical work with this literary work makes possible the propagation of an antiracist education.

Keywords: High school literature teaching. Female Black Literature. Livia Natália. Black girls from Bahia. Representativity. Empowerment.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO BAIANO AO FALAR DOS DOCUMENTOS OFICIAIS LDB (1996), PCNEM (2000) E BNCC (2018)	12
2.1A DIVERSIDADE NA ESCOLA: O PERFIL DAS ESTUDANTES NEGRAS DO ENSINO MÉDIO PÚBLICO DA BAHIA.	19
2.2A ESTUDANTE NEGRA DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO SUPERIOR	24
2.3O PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO – PNLD.....	27
2.4 OS CÂNONES LITERÁRIOS	29
3 LITERATURA NEGRA	34
3.1 LITERATURA NEGRA FEMININA NA BAHIA: A ESCRITA DE LIVIA NATALIA EM FOCO.....	40
3.2A SUBJETIVIDADE DA ESTUDANTE NEGRA EM DIÁLOGO COM A POÉTICA DE LÍVIA NATÁLIA.	45
3.3 “ÁGUA NEGRA E OUTRAS ÁGUAS”: INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO PARA ALUNAS NEGRAS BAIANAS.	48
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68

1. INTRODUÇÃO

A condição atual do ensino médio público brasileiro tem sido tema de debates intensos no país. Essa etapa tem registrado os piores índices educacionais e o maior número de evasão e defasagem escolar, sendo então o nível de ensino que historicamente tem persistido problemas como acesso e permanência o que aumenta as discussões acerca da qualidade da educação oferecida e sua identidade e significação para seu público. No estado da Bahia em comparação com os indicadores nacionais, o ensino médio também se mostra deficiente e refém dos problemas citados anteriormente.

O alunado dessa etapa de ensino, que de forma geral possui entre 15 a 17 anos, é caracterizado por diversos marcadores sociais, como gênero, raça, etnia, faixa etária, moradia, classe social, orientação sexual, entre outros fatores, tendo no território baiano um grande contingente de alunas negras que estão inseridas nessa etapa, cujo diálogo ainda é distante de sua realidade étnico-identitária. Isso porque a escola tem priorizado o estudo ligado a história, ao povo, a cultura, a língua, a religião, a escrita, dentre outros aspectos pertencentes a princípios eurocêntricos, distantes do cotidiano e perspectivas de vida da maioria dessas estudantes.

Assim, o que se é ministrado em sala tem sido de pouca relevância para esse público discente, principalmente em se tratando da literatura adotada nesse meio, conhecida popularmente como literatura clássica - obras reconhecidas e valorizadas no campo social e educacional do país formadas por uma escrita cuja maioria em sua autoria é composta por homens de classe social favorecida e que carregam valores europeus.

Além disso, esses autores, nessas publicações, fazem referências a mulheres e homens negros mesmo não estando nesses locais de fala, estereotipando então esses perfis e atribuindo a eles condições de subordinação e inferioridade. Diante desse fato, é possível constatar então que o trabalho pedagógico somente com essas obras tidas clássicas tem anulado a representatividade da maioria das alunas e alunos do ensino médio público que a muito tempo são impedidas(os) de terem contato com obras que dialogam com suas vivências.

Atualmente atuo como professora de Língua Portuguesa da rede estadual de ensino na Bahia. Trabalho desde 2014 no Colégio Estadual Castro Alves situado na cidade de Novo Horizonte-BA que atende a alunos de 1ª 2ª e 3ª séries, além de discentes da modalidade EJA (Educação para jovens e adultos). Minhas vivências enquanto professora de ensino médio público na Bahia me fizeram desejar adentrar em uma especialização que me oferecesse subsídios teórico/práticos para atuar com eficiência nessa etapa de ensino tão carente de investimentos e carregada de conflitos diante da diversidade contemplada pelo ambiente.

Por esse motivo, quanto tive a oportunidade de cursar esta especialização, decidi que minha trajetória neste curso seria toda dedicada a sistematizar todas as aprendizagens construídas em possibilidades aplicáveis a essa etapa e principalmente ao público majoritário dessa etapa: as meninas negras.

Nesse contexto, essa pesquisa propõe a inserção da Literatura Negra no ensino médio a partir do desenvolvimento de um trabalho pedagógico que inclua o livro poético “Água Negra e Outras Águas” (2016) – objeto desta pesquisa - da autora negra baiana Livia Natália¹. Tudo isso, com o propósito de contribuir para o processo de ensino-aprendizado das estudantes negras do ensino médio público da Bahia ao passo que fomenta a representatividade e o empoderamento² dessas alunas, visto que esses são requisitos importante para a significação dessa etapa e para o protagonismo feminino negro.

Desse modo, o presente estudo destaca então a importância do trabalho em sala de aula no ensino médio da Bahia com a poética de Livia Natália, visto que se trata de obras que destacam aspectos ligados a negritude, feminismo e baianidade. Essas refletem sobre questões ético-identitárias de forma que

¹ A escritora Livia Maria Natália de Souza Santos utiliza o nome Livia Natália para se identificar, por isso, a utilização desses termos ao se referir a autora ao longo deste trabalho.

² De acordo com o artigo Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista de Cecília M.B. Sardenberg NEIM/UFBA (2006), o termo empoderamento a partir de uma perspectiva feminista se refere a um termo que engloba múltiplos atributos, considerando desde a conquista da autonomia feminina à sua autodeterminação, isto é, implica a libertação da mulher diante de tudo aquilo que historicamente a aprisiona. Em resumo, as mulheres passam a assumir o controle de suas vidas e corpos, ao passo que questionam, desestabilizam e destroem a ordem patriarcal que mantém a opressão de gênero na contemporaneidade.

reconstrói no campo literário nacional uma outra representação do perfil da mulher negra baiana – símbolo caricaturado por obras clássicas durante muitos anos.

Para isso, essa pesquisa discute sobre o modo de produção da escrita negra feminina e seus propósitos, ao passo que apresenta informações sobre a autora baiana investigada, seus poemas e elementos representativos, bem como reforça a significância dessa leitura por parte de alunas negras. Assim, esse estudo objetiva-se em contribuir para a qualidade do ensino médio tido ainda como uma etapa descontextualizada, ao passo que empodera essas sujeitas e as protagoniza num espaço que geralmente é de exclusão.

Por esse motivo, esse trabalho ressalta a importância da inclusão no processo de ensino-aprendizado da Literatura Negra, em especial a autoria negra feminina como recurso capaz de representar identidades e possibilitar a autoafirmação dessas discentes tão vulneráveis a evasão e defasagem escolar. Tendo em vista os diversos tipos de violência sofrida por elas, dentro e fora da escola, através de práticas discriminatórias machistas e racistas. Desse modo, esse tipo de escrita, por ecoar vozes semelhantes a essas alunas, ao passo que lida com crenças, valores, situações cotidianas, segregações e desejos da população negra, revela que sabe exatamente como expressar e dialogar com esse público, principalmente o baiano.

Para a realização dessa pesquisa bibliográfica qualitativa, serão adotados procedimentos básicos como leituras e análises literárias, reflexões e fichamentos sistemáticos de artigos, pesquisas, obras literárias, teóricas, entrevistas, entre outros materiais impressos e digitais, como livros, revistas e sites. Por conseguinte, predominando nesses levantamentos o estudo da Literatura Negra brasileira refletida de acordo com pesquisadores renomados como Ana Rita Santiago da Silva (2010), Audre Lorde (1984), bell hooks (1995), Florentina da Silva Souza (2005), Luiz Cuti (2010), Munanga (1996), Regina Dalcastagnè (2005) e Stuart Hall (2005).

Assim, em síntese, este trabalho destaca o formato atual da literatura no ensino médio baiano, reflete acerca dos cânones literários, apresenta a Literatura Negra e suas possibilidades, bem como sua relação com a aplicação da Lei 10.639/03. Logo, focaliza a poética de Lívia Natália e suas contribuições,

enquanto instrumento de afirmação para as estudantes negras baianas, daí a importância da pesquisa, ou seja, não somente contribuir para o campo teórico da crítica literária, mas primordialmente interferir no ensino voltado ao público do ensino médio, principalmente agindo em favor das alunas negras que são muitas vezes invisibilizadas e discriminadas no cotidiano escolar e nas práticas metodológicas.

2. A LITERATURA NO ENSINO MÉDIO BAIANO AO FALAR DOS DOCUMENTOS OFICIAIS: LDB (1996), PCNEM (2000) E BNCC (2018)

O Art. 35 da LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) trata das finalidades do ensino médio, última etapa da educação básica. Esse artigo determina a necessidade de aprofundar conhecimentos já adquiridos e possibilitar o prosseguimento dos estudos. Nesse contexto, o aparato legal indica que o sujeito deverá – após conclusão dessa modalidade – estar de posse de habilidades básicas para o trabalho, para a cidadania, para sua formação ética, intelectual de modo que esteja apto para correlacionar teoria e prática enquanto prossegue os estudos, trabalha, e exerce sua função de cidadão, dessa maneira, o seu desenvolvimento se torna pleno.

A princípio, para se compreender a real situação do ensino médio brasileiro a fim de verificar se as proposições da LDB têm sido solidamente efetivadas, vale a pena destacar seu processo de construção histórica e os principais documentos legais que orientam essa etapa. Para isso, é importante lembrar que, a Emenda Constitucional nº59 de 2009, possibilitou a ampliação do ensino médio público brasileiro através da garantia da universalização e gratuidade, infelizmente uma conquista tardia cujas consequências comprometem o sucesso da modalidade atual, que ainda sofre pela defasagem idade/série, abandono escolar e baixo desempenho de muitos alunos, segundo dados do IDEB (Índice de

Desenvolvimento da Educação Básica)³. Esse indicador também tem revelado que o ensino médio da rede estadual da Bahia é hoje o pior colocado em todo o país no quesito acesso, progresso e aprendizado.

O déficit do ensino médio estadual na Bahia além de refletir a necessidade de políticas de investimento, representa também a ausência de significação e contextualização do ensino dessa etapa para com as vivências de seus alunos. Esses são, em sua maioria, advindos de zonas rurais e periféricas, de famílias com dificuldades financeiras, marcados por elementos interseccionais de raça, etnia e gênero. Contudo, ao ingressarem na educação básica, especificamente no ensino médio, se deparam com metodologias, didática e currículos gerais válidos em todos os estados e que ainda não têm contemplado as especificidades regionais da localidade onde a instituição se encontra, nem contribuído para a valorização de seu público alunado.

Em se tratando de documentos importantes para nortear essa etapa, vale ressaltar as determinações dos PCN's e das OCEM's que através da defesa da transversalidade oportunizam às escolas flexibilizarem seus currículos de acordo com as identidades de seu público. As Orientações Curriculares do Ensino Médio (2006) documento de referência para os currículos escolares do Ensino Médio da rede estadual da Bahia, destacam a importância do diálogo entre teoria e prática através do estudo transversal sustentado nos princípios da contextualização e da interdisciplinaridade entre a educação científica, humanística e integral para o processo de formação dos estudantes baianos.

Desse modo, nota-se que as indicações normativas para um ensino significativo não têm sido seguidas pelas unidades escolares do estado, já que suas deficiências demonstram essa descontextualização. Como conseqüente, essa modalidade não se equivale a uma ferramenta de empoderamento e representação identitária – como deveria ser - para o desenvolvimento pleno de seus discentes, em principal, para as alunas negras baianas.

³ De acordo com dados divulgados pelo site <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>> o resultado do último IDEB (2017) demonstrou que o ensino médio brasileiro da rede pública obteve o resultado de 3.5, não atingindo sua meta projetada de 4.4. No que se refere ao estado da Bahia, essa etapa obteve uma média bem abaixo do resultado nacional, com a pontuação de 3.0 enquanto sua meta era de 4.3, isso em oposição a outros estados do Nordeste como o Ceará, cujo resultado foi de 6.2, enquanto sua meta era de 4.8, além de Pernambuco que atingiu 5.2 com a meta projetada de 4.9.

Além disso, outro documento norteador do ensino que está em vigor desde os anos 2000, mas que também considera a singularidade dos sujeitos, são os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), ou seja, orientações para os profissionais da educação ligados aos aspectos fundamentais correspondentes a cada disciplina, indicando ainda que o sistema de ensino deve atender as peculiaridades locais. Em se tratando dos estudos literários os PCN's determinam que a literatura no ensino médio precisa dialogar com o contexto social identificado dentro e fora da escola, a fim de desenvolver a criticidade, a autonomia e a consciência do estudante a partir de uma aprendizagem significativa e de identificação.

É importante destacar que os PCN's, não são aparatos legais obrigatórios, mas documentos de orientação que fornecem brechas para se pensar num ensino que leve em consideração o perfil dos alunos no momento de reflexão sobre o currículo. Assim, levando em consideração o déficit na permanência e na aprendizagem enfrentado pelo ensino médio público baiano, é necessário então buscar formas de minimizar esse desconexo existente entre currículo e público alunado e o trabalho com a Literatura Negra permite a construção dessa proposta de ensino contextualizada.

Por esse motivo, cabe destacar a importância do trabalho com a literatura de maneira transversal como prega os PCN's, de forma que a escola possa se aproximar e refletir sobre o dia a dia dos alunos, através de referências a situações reais, comuns, que ilustrem as próprias vivências dos discentes, possibilitando, pois, ecoar vozes semelhantes as suas e promover fonte de inspiração. Assim, a literatura é utilizada a favor da aprendizagem, principalmente para alunas negras (pretas e pardas) maior público no ensino médio da Bahia.

Em contrapartida às proposições dos PCN's e das OCEM's, a BNCC - Base Nacional Comum Curricular – (2018), trata-se de um normativo que estabelece certas obrigatoriedades padronizadas para o currículo da educação básica de todo o país, para as redes públicas e privadas, das esferas municipais, estaduais e federal. Vale ressaltar que, a reelaboração da última versão desse documento, através de debates e negociações com a sociedade e com setores ligados a educação, levou cerca de quatro anos, sendo, pois, homologado em 14 de dezembro de 2018.

Essa norma indica os direitos de aprendizagem, ou seja, determina o que deverá ser ensinado em caráter nacional, comum e essencial, para auxiliar as unidades escolares no momento de construção de matrizes e Projetos Políticos Pedagógicos, isso é, um referencial obrigatório para os currículos, alegando assim a conquista da equidade e de aprendizagens básicas.

Todavia, o que se percebe é que esse sistema unificado não atende as especificidades dos estudantes, já que é construído a partir de preceitos de uma ideologia dominante que seleciona aquilo que se deve ou não aprender e da maneira como essa aprendizagem deve ocorrer.

Um exemplo disso, no campo da literatura o currículo do ensino médio privilegia o estudo de correntes literárias lusitanas, autores nacionais em sua maioria homens, de classe privilegiada e naturais de determinadas regiões. Assim, exclui o contato com autores que se afiliam à literatura negra, que embora reflitam sobre questões vivenciadas pelos estudantes, dialoguem com seu contexto, não são contemplados no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa maneira, o princípio de inclusão e democracia pregado pela BNCC não tem sido atingido de forma satisfatória. Isso porque a proposta da BNCC de implementação de uma educação que seja integral, ou seja, que atenda ao indivíduo em diversos âmbitos da vida social de maneira padronizada, permitirá o apagamento das identidades, já que haverá a seleção e predominância de saberes dominantes voltados para atender uma área que acolhe múltiplas identidades e diferenças, como é o caso da educação.

A partir do exposto, compreende-se que os PCN's e as OCEM's diferentemente da BNCC, permitem ao ensino médio se aproximar da realidade do estudante, enquanto a BNCC anula as diferenças do alunado, ao passo que padroniza conhecimentos para um público heterogêneo. A questão de maior preocupação diante desse fato se trata da superioridade da BNCC sobre esses outros documentos de orientação, além do que, como sua aprovação é recente, provavelmente seguirá de novas orientações que acompanharão as determinações da nova Base. Diante desse fato, somente as prescrições da LDB garantirão a articulação entre o ensino e os conteúdos ligados às identidades e à raça, pois as determinações da BNCC privilegiam um contexto de silêncios para as diferenças.

Sobre esse documento é importante destacar que a LDB é um dos recursos fundamentais para a observância e interferência diante dos resquícios dos horrores da escravidão, como a exploração, violência, desrespeito, aculturação e desassistência, que ainda têm marcado o cotidiano das pessoas negras no Brasil, e a partir de muitas lutas e formas de resistência, essas têm buscado a garantia da igualdade racial de direitos e oportunidades. Isso porque, o racismo⁴ - embora existam hoje leis que punam essa prática - ainda é presente, mesmo que de forma camuflada na sociedade brasileira.

Diante desse contexto, a União tem investido – mesmo que em proporção insuficiente - em políticas públicas e ações afirmativas para minimizar a desigualdade étnico-racial, e como a educação é imprescindível para esse enfrentamento, a LDB 9394/96 recebeu em 09 de janeiro de 2003 alterações que determinam a inclusão no currículo do ensino fundamental e médio, em unidades oficiais e particulares, o estudo obrigatório da história e cultura afro-brasileira. Para isso o Artigo 26-A da presente lei especifica que:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Esse aparato legal é, pois, o único meio que a escola, nos dias de hoje, pode contar para a garantia de um trabalho que considere a história e a realidade da maioria de seus estudantes. Isso, porque, o que se percebe é que a nova reformulação da BNCC não apresenta com clareza como essa lei se dará na prática, visto que seu ideal de unificação silencia a pluralidade histórico-cultural da maioria da população brasileira.

Historicamente, os materiais didáticos já contribuem para esse silêncio, principalmente pela forma como restringem, no momento de se referir a

⁴ Ciência da superioridade inerente de uma raça sob as demais e em seu direito de dominar (LORDE 1984, p. 07).

população negra, apenas ao período da escravidão, abordando a subordinação do negro ao branco em todos os sentidos – social, econômico, cultural.

O livro didático, de modo geral omite o processo histórico e cultural, o cotidiano e as experiências dos segmentos subalternos da sociedade, como o negro, o índio, a mulher, entre outros. Em relação ao segmento negro, sua quase total ausência nos livros e a sua rara presença de forma estereotipada concorrem, em grande parte para o recalque de sua identidade e autoestima (SILVA, 1995, p. 47).

Dessa forma, cultura, valores, memórias, conquistas, religiões e contribuições ligadas a história dos afrodescendentes é anulada, fornecendo brechas para a perpetuação da discriminação e da desigualdade racial. Por esse motivo, a Lei 10.639/03 destaca a obrigatoriedade do estudo ligado a essas questões que por muitos anos foram deixadas de lado.

A aplicação dessa Lei deve favorecer o resgate e reconhecimento da contribuição da pessoa negra na formação da cultura e do povo brasileiro. Como destaca o aparato legal, uma das áreas responsáveis por essa promoção é o campo da literatura, assim, a inserção do trabalho com obras de Livia Natália no ensino médio, promove exatamente essa pedagogia da diversidade, ou seja, a leitura e análise de seus poemas permite à escola cumprir com sucesso a determinação dessa Lei. Uma vez que a escrita da autora, busca enfrentar e desconstruir o mito da democracia racial, tratando de questões ligadas ao racismo, discriminação, afetividade, coisificação do corpo feminino negro, questões importantes para serem tratadas em sala de aula.

Vale dizer que, a lei 10.639/03 é um grande avanço em termos de implementação de políticas públicas para a população negra, posto que essa lei apresenta as narrativas de quem sofreu a opressão, de quem teve seu corpo e mente marcados pela colonização. É importante apresentá-la desse lugar dos avanços, refletindo ainda sobre as limitações do cumprimento dessa lei, visto que a implementação dessa, não garantiu que o debate racial na escola acontecesse de forma qualificada ou que se restringisse ao 20 de novembro.

Entretanto, o que se percebe na realidade escolar, principalmente em se tratando do campo literário é que tem ocorrido a apropriação de uma literatura desconexa com a realidade da maioria dos estudantes, questão explorada pela professora da UnB (Universidade de Brasília) Regina Dalcastagnè em seu artigo

intitulado “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”⁵ que mapeia os personagens da literatura brasileira atual.

A professora Dalcastagnè reflete sobre os aspectos da desigualdade social na literatura brasileira, por isso afirma que sua motivação para a pesquisa se deu através de “um sentimento de desconforto diante da literatura brasileira contemporânea, desconforto causado pela constatação da ausência de dois grandes grupos em nossos romances: dos pobres e dos negros” (DASCALTAGNÈ, 2005, p.14).

Por esse motivo, após analisar 258 obras publicadas pelas grandes editoras do país entre 1990 e 2004, foi possível definir o perfil acerca do gênero, etnia e classe social, tanto dos autores literários, quanto de seus personagens. Assim, diante do resultado apurado pela pesquisa, tornou-se possível perceber que certos indicadores são preocupantes e chamam a atenção quando mostram que em 56,6% dos romances pesquisados não há nenhuma personagem negra, enquanto somente 1,6% não apresentam personagens brancos.

Ademais, entre os personagens negros somente 17,3% pertencem à elite intelectual, diferente dos personagens brancos que costumam ser os mais intelectuais dos romances. Outrossim, 73,5% dos personagens negros são retratados como pobres e 12,2% como miseráveis, sendo que ainda em se tratando desse perfil 33,3% das crianças e 56,3% dos adolescentes negros eram dependentes químicos. Sobre a autoria, a desigualdade é também evidente, pois, entre os autores das obras analisadas foi possível destacar que 93,9% eram brancos e 72,7% eram homens. Esses números sintetizam, portanto, a exclusão das mulheres negras no campo da escrita literária e as referências negativas atribuídas aos personagens negros na literatura contemporânea.

Portanto, a partir dos dados obtidos pelo estudo acima fica evidente que a predileção literária nacional e conseqüentemente veiculadas nas escolas refere-se aos “cânones literários” em detrimento de obras produzidas sob autoria feminina, negra. Todavia, essa literatura que historicamente vem sendo marginalizada expressa com fidelidade o que as alunas negras enfrentam, ao

⁵ Artigo publicado em 2005 na revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, (nº26, p. 13-71) que apresenta dados de uma pesquisa profunda de mapeamento dos personagens na literatura brasileira atual, publicada pela Editora Horizonte em um livro intitulado “Literatura brasileira contemporânea: um território contestado”.

passo que discute sobre racismo, machismo, estereotipação, sexualidade, afetividade. De acordo com esse prisma, CUTI⁶ (2010) defende a necessidade de apropriação de uma literatura que seja condizente com a proposta de combater a desigualdade racial tanto na realidade, quanto na ficção. Por isso, segundo o autor:

Certa mordaca em torno da questão racial brasileira vem sendo rasgada por sucessivas gerações, mas sua fibra é forte, tecida nas instâncias do poder, e a literatura é um de seus fios que mais oferece resistência, pois, quando vibra, ainda entoa loas às ilusões de hierarquias congênicas para continuar alimentando, com seu veneno, o imaginário coletivo de todos os que dela se alimentam direta ou indiretamente. A literatura, pois, precisa de forte antídoto contra o racismo nela entranhado. (CUTI, 2010, p. 13).

Dado o exposto, é importante destacar a promoção de debates no campo educacional acerca do papel dessas obras na construção e valorização das identidades dos sujeitos, questão essa que ainda tem sido invisibilizada no cenário da sala de aula. Porém, tem carecido de atenção, tal sua importância tanto para o alunado, quanto para o reconhecimento da qualidade textual dessas obras, pois “a arte que liberta não pode vir da mão que escraviza” (Manifesto da Antropofagia Periférica - VAZ, 2008, p.250).

Nesse contexto, a produção de Livia Natália - poética que imbrica beleza e denúncia - ainda é desconhecida por muitas(os) docentes e alunas (os). Contudo, é um exemplo da literatura produzida por mulheres negras na Bahia que abrange e passeia pelo universo das estudantes negras, com total excelência e carregada de metáforas que se casam perfeitamente com o público que compõe o ensino médio do estado e com o que se é esperado pela Lei 10.639/03.

2.1 A DIVERSIDADE NA ESCOLA: O PERFIL DAS ESTUDANTES NEGRAS DO ENSINO MÉDIO PÚBLICO DA BAHIA

⁶ Segundo o blog GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra, Luiz Silva popularmente conhecido como Cuti, é Mestre em Teoria da Literatura e Doutor em Literatura Brasileira pelo Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp (1999-2005). Além disso, é um dos fundadores e membro do Quilombhoje-Literatura, de 1983 a 1994, e um dos criadores e mantenedores da série Cadernos Negros, de 1978 a 1993. Biografia disponível em: <https://www.geledes.org.br/luiz-silva-cuti/> Acesso em 30/Set/2019.

A história do ensino médio no Brasil desponta que sua finalidade sofreu oscilações: ora se voltava para o incentivo ao prosseguimento nos estudos, ora dedicava-se ao campo técnico com vistas à preparação para o mundo do trabalho. Essa polarização interfere na forma como tem ocorrido a organização pedagógico-curricular, ou seja, sempre voltado a atender as demandas e anseios do contexto histórico-social da época. Desse modo, o ensino médio não se fortaleceu enquanto unidade, mas se formou através de diversos desdobramentos.

Vale ressaltar que, para a organização pedagógico-curricular dessa etapa é imprescindível se pensar nas diferentes juventudes que a frequenta, bem como suas identidades, culturas, desejos, contextos históricos e sociais através dos avanços nos campos científicos e tecnológicos, ou seja, seu currículo necessariamente precisa estar atrelado a essas vivências para que se torne significativo, daí a importância de se questionar o quê e por quê ensinar?

Assim, percebe-se que somente o currículo tradicional, fechado em disciplinas fragmentadas e relações de hierarquização entre os saberes não é suficiente para atender as demandas e finalidades das instituições de ensino, mas atrelado a ele é preciso que se implemente o currículo oculto⁷ e o currículo vivo/real nas escolas, pois são estes que destacam as relações estabelecidas no ambiente escolar, as vivências e as maneiras de pensar, aproximando-se os saberes, das realidades dos discentes, sabres esses que não estão prescritos em diretrizes curriculares, mas que devem fazer parte do processo de aprendizagem durante os momentos formais e informais de trocas entre os sujeitos (JESUS, 2008). Visto que essas são ações marcadas pela ausência de neutralidade, mas um fazer político carregado de intencionalidade que precisa ser direcionado para os ideais de emancipação humana e libertação de seus sujeitos (GIROUX, 1983).

Entretanto, o que se pode observar é que grande parte das unidades escolares do ensino médio privilegiam práticas curriculares excludentes, desconexas, se tornando escolas pouco atrativas, que não oferecem estímulos

⁷ De acordo com o artigo “Quais são as vozes do currículo oculto?” o currículo oculto é algo presente no ambiente escolar, visto que se origina das relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino e suas aprendizagens não intencionais (SILVA 1995). Disponível em: <<https://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/viewFile/506/485>> Acesso em: 01/Set/2019.

aos estudantes para que desenvolvam sua criatividade, possam ter novas experiências principalmente de sociabilidade, contato com atividades culturais e espaços para ampliação de conhecimentos (CARRANO, 2010).

Ademais, o público dessa fase tão deficiente, não pode deixar de ser analisado, visto que para o sucesso do ensino médio um dos fatores indispensáveis para a organização desse ensino, é se pensar naqueles que o frequentam, suas identidades, culturas e aspirações, para que se possa centralizar esses sujeitos, suas histórias e realidades com os conhecimentos e saberes dessa etapa formativa.

Em se tratando de defasagem e evasão escolar nas instituições públicas nessa etapa, é importante analisar a condição de muitas(os) dessas(es) estudantes que trabalham ou são filhas(os) de trabalhadores que geralmente desempenham atividades de baixa remuneração, seja no campo ou na cidade. Desse modo, estratégias econômicas adotadas por alunas e alunos que articulam a necessidade de sobrevivência com a sua escolarização, os vulnerabilizam a desistirem dos estudos ou apresentarem baixo rendimento.

Partindo-se do exposto, ao se analisar o Artigo 6º da Constituição Federal de 1988 apreende-se que a educação é um direito de todas e todos, sendo, portanto, o Estado responsável por garantir o acesso e a permanência escolar. Todavia, diante da atual condição deficitária que se encontra o ensino médio público, percebe-se que a legislação vigente ainda não tem sido suficiente para possibilitar essas garantias, visto que esse espaço de várias identidades contempla uma pluralidade de marcadores sociais – gênero, raça, etnia, faixa etária, moradia, classe social, orientação sexual – que por não terem suas diferenças respeitadas e valorizadas nesse ambiente, acabam sofrendo consequências negativas que interferem diretamente no processo de ensino-aprendizado e nas relações construídas no espaço escolar.

É sabido que o público de estudantes das escolas públicas brasileiras é composto por diversos perfis – homens, mulheres, lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais, negros, brancos, pobres, ricos, residentes em áreas rurais, deficientes, jovens, adultos, entre outros elementos que determinam a diversidade desse ambiente. Muitas dessas representações tornam-se vulneráveis à exclusão e violência na escola, em principal as pessoas negras, as mulheres, as travestis e

pessoas transexuais e os pobres, afetando diretamente o direito básico à educação, pois em muitos casos, a discriminação contra aqueles que fogem da padronização imposta socialmente tem provocado o abandono escolar.

As desigualdades no espaço educacional são produtos das relações sociais estabelecidas entre aqueles considerados opressores e estes considerados oprimidos. Nesse sentido, segundo Aoyama e Perrude (2009, p.169), “discutir a escola no campo da diversidade leva-nos à necessidade de compreendê-la sob a ótica das diferenças e das desigualdades. Implica ainda compreender a multiplicidade de sujeitos que compõem esse espaço”. Por esse motivo, quando a diferença não é estimada pela unidade escolar, nesse local torna-se comum as cenas conflituosas de violência física e psicológica através de empurrões, chutes, humilhações, insultos, perseguições, ameaças.

Dado o exposto, a interferência negativa no processo de ensino-aprendizado promovida pelas relações de poder, advindas da vivência entre múltiplos marcadores sociais no ambiente educacional, tem recebido destaque como linhas de debate no cenário educacional atual. Essa reflexão é importante, porque os sistemas de ensino necessitam compreender que ainda há o predomínio do currículo tradicional e que esse é marcado por uma postura machista, sexista e racista. Esse fator tem, pois, resultado em situações segregacionistas motivadas pelas relações de poder entre dominadores e dominados, opressores e oprimidos, relações essas que historicamente marcaram e ainda marcam a história do país, sendo muitas vezes, o motivacional de conflitos e disputas.

Outrossim, é nítida a dificuldade de docentes, funcionários e gestores em aceitarem e respeitarem a diversidade presente no ambiente, bem como agirem de maneira eficaz no combate a intolerância. Para que essas medidas possam ocorrer satisfatoriamente, é preciso o envolvimento de todo o sistema de ensino em contrapartida com a comunidade escolar através da realização de ações específicas processuais, visto que por meio do cerceamento das desigualdades e intolerâncias as unidades escolares contribuirão para a construção de uma sociedade democrática antirracista, antissexista e anti-lgbtfóbica e também despertarão em seus alunos, sob condições de interseccionalidade, a resistência, a militância e o empoderamento.

Nesse contexto, a atuação de professoras e professores torna-se desafiadora, pois cabe principalmente a essas/es, observarem e intervirem em situações como: *bullying*, evasão escolar, baixo rendimento, indisciplina, agressões, problemas que estão diretamente associados às consequências de um espaço heteronormativo, excludente, que nega ou trivializa as práticas de inferiorização, pois já foi observado que a escola tem valorizado apenas o espaço de homogeneização (AOYAMA e PERRUDE, 2009).

A respeito disso, constata-se que as relações escolares ainda são fortemente marcadas pela heteronormatividade e pelo androcentrismo, que se encontram enraizados nesse ambiente que não reconhece a pluralidade das identidades. Dessa forma, um local que deveria ser acolhedor, inclusivo, torna-se marcado por práticas discriminatórias, violentas e patriarcais, pois não tem exercido sua função de refletir sobre o corpo, suas representações, e a maneira como se dá a construção do conhecimento.

Por esse motivo, o diálogo com as diferenças deve permear a prática pedagógica. Para que isso ocorra, é imprescindível repensar o currículo, metodologias, processos avaliativos, relações e vivências que marcam a sala de aula adotando possibilidades didático-pedagógicas que extrapolem o reducionismo, pensando-se para além do determinismo biológico.

Dessa maneira, a escola precisa investir em momentos de reflexão acerca dos corpos, suas representações e multífaces através do desenvolvimento de atividades teórico-práticas com apoio de filmes, debates, leituras, escritas, entre outras estratégias. Isso, numa perspectiva onde o diferente não é o desigual, mas considerando a singularidade de cada um, para construir seu processo de aprendizagem, seu desenvolvimento, suas relações com a comunidade escolar, sua história de vida, suas influências e as interferências que fazem no contexto cultural em que estão inseridos. Tudo, em favor de uma educação que seja efetivamente inclusiva e de qualidade.

Para orientar esse trabalho é necessário que a escola se atente às propostas da BNCC (2018) – recentemente reformulada, com atualizações que compreendem todas as etapas da educação básica – a fim de articular o trabalho pretendido com as determinações apresentadas pelo documento legal. Para isso, considerando a etapa do ensino médio, por exemplo, a BNCC tem destacado a

importância de as unidades escolares desenvolverem projetos pedagógicos voltados para o projeto de vida das(os) estudantes. Esse desafio é proposto com o intuito de ampliar os conhecimentos, competências e habilidades que os discentes devem desenvolver, promovendo assim o protagonismo juvenil, de forma que o ensino possa dialogar com a realidade das(os) alunas(os), sendo assim mais atrativo e relevante.

As aprendizagens definidas pela BNCC contemplam a priorização dos aspectos tecnológicos, do trajeto de vida e do protagonismo do jovem. Partindo-se disso, o professor deve estabelecer estratégias curriculares, considerando a realidade de seu público alunado, suas vivências, dificuldades e desejos, de maneira que suas ações – seja por meio do trabalho com obras de autoria marginal que dialogam com essas vivências, ou realização de debates e seminários sobre temas como diversidade, igualdade e oportunidade - abarquem os anseios e direitos de todos, de forma que se possa ir além da revisão de conteúdos, mas sim da práxis e relações subjetivas entre os indivíduos desse processo.

Portanto, vale destacar a importância do trabalho com a literatura negra, como recurso indispensável para se efetivar a aplicação da Lei 10.639/03, favorecendo o diálogo entre os conhecimentos pedagógico-curriculares e as especificidades do público do ensino médio, formado por marcadores sociais da diferença e que através de uma literatura contextualizada e atenta para essas vulnerabilidades, poder-se-á possibilitar práticas educativas significativas.

2.2A ESTUDANTE NEGRA DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO SUPERIOR

É fato que a população negra tem ocupado espaços, entretanto, ainda permanecendo em segundo plano, ou seja, possuem os piores indicadores em se tratando de mercado de trabalho, salários e questões socioeconômicas. As mulheres negras são as maiores vítimas dessa segregação que sempre foi intensificada pela mídia com a veiculação de estereótipos e violência simbólica em prol de um padrão de beleza imposto. Nesse contexto, a escola também é um

fator que reflete o padrão eurocêntrico e monocultural contemplando um ideal de ensino, de aluno e de professor a ser seguido, anulando o pluralismo que abarca esse ambiente.

A educação no Brasil para brancos e negros, nitidamente se caracteriza pela disparidade. Indicadores ligados ao maior número de alunos matriculados, maior desempenho em avaliações nacionais, menor analfabetismo, maior frequência escolar são referenciais, em grande parte à população branca brasileira, ou seja, essa possui condições favoráveis tanto para acesso, quanto para permanência e prosseguimento nos estudos em detrimento à população negra – preta e parda.

Ao se observar a estrutura física das escolas, essas dificilmente contemplam – em seus recursos visuais - referências positivas para com as pessoas negras, apesar de possuir alunas(os) com esse perfil. Essa invisibilidade revela a ideologia da branquitude e a nulidade da identidade negra presente no ambiente, tendo como consequência a não aceitação e busca por um protótipo de beleza socialmente aceitável e tido como belo.

Outro quesito que permeia a segregação negra na escola, trata-se da seleção e utilização de livros didáticos e outros materiais pedagógicos, que também intensificam a valorização desse padrão eurocêntrico e reforçam os estereótipos ligados à população negra, negando suas histórias, suas memórias e multiculturas. Essas ferramentas educacionais se caracterizam por historicamente formularem imagens ligadas ao perfil do opressor, do descobridor, do intelectual para o branco, em oposição ao indivíduo negro, apresentado como o oprimido, sofrido, castigado, alimentando assim os princípios discriminatórios e de inferiorização, pois passa a desenvolver também no educando negro um processo de autorrejeição e de rejeição ao seu grupo étnico/racial (SILVA, 2008, p.95).

Como consequência, todos esses fatores citados acima, tem contribuído para a construção e perpetuação do racismo nas instituições escolares, seja velado ou expresso de maneira explícita, que atinge tanto a estética, quanto as raízes das(os) alunas(os) negras(os) que enfrentam na escola obstáculos severos para a construção e valorização de sua identidade racial, principalmente atingindo de maneira mais ríspida as estudantes negras, uma vez que seus traços fenotípicos não são aceitos e considerados belos pela sociedade, atingindo

diretamente a autoestima dessas alunas no momento em que há o desprezo a seus corpos, traços, habilidades e capacidades.

Desde a educação infantil o racismo se manifesta no discurso e nas ações que diferenciam o tratamento dado a alunas brancas e negras, ou seja, atitudes de afeto através de elogios, carinho, atenção e admiração, historicamente, muitos alunos brancos recebem, em contraponto às estudantes negras. Contudo, é no período do ensino médio que essa diferença se intensifica ainda mais, principalmente quando se analisa dados sobre a idade/série e aprendizado adequado. Além disso, as discentes negras são maioria em regiões de vulnerabilidade e acesso a escolas com déficit de infraestrutura e ensino.

Em se tratando do ensino superior brasileiro, os números assustam. Segundo pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2015 apenas 12,8% das pessoas negras entre 18 e 24 anos estão nessa etapa de ensino. Na graduação, as mulheres pretas são 6% das alunas entre 20 e 24 anos e mulheres brancas na mesma faixa etária são 40%.

De acordo com o Censo da Educação Superior de 2016, mulheres pretas com doutorado são 0,4% do corpo docente na pós-graduação em todo o país. Além do mais, três estados do Brasil não têm nenhuma professora doutora preta que leciona nos cursos de pós-graduação: Acre, Amapá e Sergipe⁸. Nesse contexto, a ação afirmativa de cotas raciais desde sua implementação tem favorecido a população negra brasileira no cenário educacional, entretanto, esse público, principalmente o feminino, ainda se encontra muito aquém nesse campo.

Ademais, a Ciência Moderna e o academicismo, pela ausência de neutralidade, sempre se mostraram androcêntricos, reforçando ainda mais as hierarquias de gênero na sociedade e conseqüentemente no sistema escolar. Por esse motivo, a luta feminista por uma epistemologia que seja relevante e significativa para todos os segmentos subordinados e suas lutas têm se intensificado.

⁸ Os dados em destaque foram retirados do texto “Menos de 3% entre docentes da pós-graduação, doutoras negras desafiam racismo na academia” publicado pela jornalista Lola Ferreira em 31/03/2019 no blog GELEDES Instituto da mulher negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/menos-de-3-entre-docentes-da-pos-graduacao-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/> Acesso em: 09/08/2019.

Desse modo, um saber especificamente feminista no espaço escolar refere-se a conhecimentos politizados que buscam a emancipação feminina, inclusive das feministas negras, ou seja, o campo científico passaria a ofertar saberes proeminentes construídos pelo público marginalizado, tornando-se conhecimentos contextualizados pelas vivências.

Portanto, enquanto o pensamento hetero preconizado pela ciência alcança o sistema educacional, esse continua a perpetuar princípios metodológicos discriminatórios e distorcidos contra aqueles que sofrem pela invisibilidade e inferiorização. Daí a necessidade da desconstrução de ideais machistas no campo da ciência moderna e construção de uma epistemologia feminista que contemple saberes politizadores abrangentes. Para essa reformulação e combate a ideais excludentes é preciso se pensar em como as obras didáticas disponibilizadas para cada etapa de ensino contribuem para a manutenção desses princípios.

2.3 O PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO – PNLD

Considerando a proposta de inserção de uma determinada literatura no ensino médio, defendida nesse trabalho, mostra-se relevante o debate sobre a aquisição de livros nas escolas públicas. Desse modo, o processo de aquisição de obras literárias pela educação básica se deu durante muito tempo através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, com o propósito de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura em estudantes e docentes por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência.

Para isso, bastava apenas que as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) educação de jovens e adultos, ensino fundamental (anos finais) e ensino médio mantivessem seus dados atualizados no Censo

Escolar. Segundo o site do Ministério da Educação⁹, o programa dividia-se em três ações: PNBE Literário, que avaliava e distribuía as obras literárias, cujos acervos eram compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos; o PNBE Periódicos, com periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio e o PNBE do Professor, forma de apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico.

Para a seleção desses materiais a serem adquiridos e distribuídos às escolas públicas de educação básica do país, essas obras deveriam ser inscritas em editais do programa e submetidos à avaliação pedagógica e à seleção do acervo, realizada pelo MEC, em parceria com universidades públicas do país.

A partir do Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, a aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foram unificados, recebendo a nova nomenclatura de Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD. Atualmente, o público atendido é o mesmo, sob a mesma regularidade e sob a mesma regra para recebimento.

A seleção das obras para distribuição continuou a ser realizada através de edital de abertura de inscrições das obras publicado em Diário Oficial. Essas produções passarão por um processo de avaliação de qualidade através de profissionais escolhidos pelo MEC e pela Secretaria de Educação Básica que indicarão quais as obras serão distribuídas. Para que, a partir daí, possa se iniciar o processo de negociação com as editoras, sem licitações, tendo em vista os direitos autorais das obras. Concluída a negociação é firmado contrato e informado os quantitativos e as localidades de entrega para as editoras, que dão início à produção dos livros.

⁹ Informações retiradas do texto “Programa Nacional Biblioteca da Escola” do site do Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola> Acesso em: 08/Ago/2019.

Esse processo de aquisição dos livros pode justificar o porquê chegam às escolas tantas obras desconexas com a realidade local, com o cotidiano do professor e principalmente do aluno, visto que para a escolha do acervo a ser distribuído, não se percebe a participação dos seres primordiais que deveriam fazer parte desse momento. Dessa forma, nos períodos em que a escola recebe novas publicações literárias, o que se percebe no ambiente escolar é o pouco interesse dos estudantes para com estes acervos.

Portanto, ao contrário do que vem ocorrendo, é imprescindível que os estudantes e professores sejam ouvidos antes da seleção dos materiais. Ademais, é necessário que as produções regionais, além da autoria marcada pela diversidade, possam também fazer parte do processo de avaliação pela equipe especializada. Bem como, é preciso um olhar cauteloso para aqueles que são responsáveis por essa seleção, para que se possa romper com a predileção de obras consideradas canônicas, patriarcais e cujas ideias são discriminatórias, mas que ainda ocupam lugar de destaque nas instituições de ensino em contraponto a outras obras, como aquelas produzidas pelas pessoas negras.

2.4 OS CÂNONES LITERÁRIOS

O termo cânone deriva do grego “*kanón*”¹⁰, palavra que adquiriu diversos significados ao longo do tempo, de acordo com o seu contexto, seja ele em se tratando de religião, arte, música, filosofia, entre outros. Contudo, segundo a professora FRANCO¹¹ (2008), foi principalmente no campo literário que esse termo se torna popular.

Na Grécia Antiga, seu conceito surgiu para denominar um objeto utilizado como unidade de medida, posteriormente, no século IV, passou a fazer referência aos Livros Sagrados selecionados pelos cristãos como sendo as obras

¹⁰ Palavra grega que se referia a unidade de medida e que na Língua Portuguesa adquiriu o significado de regra, preceito ou norma, originando assim, o termo cânone.

¹¹ “O cânone literário nos materiais didáticos do ensino médio” - Sandra Aparecida Pires Franco, Professora PDE Titulada, Graduação em Letras, Mestre em Educação pela UEM e Doutorando em Letras pela UEL. Disponível em: http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_sandra_aparecida_pires_franco.pdf Acesso em: 01 de agosto de 2019.

indispensáveis e inalteráveis para a Igreja. Ainda no campo religioso, o termo passa a referir-se aos religiosos cuja vida de fé santificada os possibilitou o processo de canonização, ou seja, aqueles considerados santos, tal seu estado de graça diante de Deus, são inscritos na lista dos cânones, já que todo canonizado é santo, mas nem todo santo é canonizado (PIMENTEL 2016).

Esses exemplos de diversos usos para o termo cânone, embora utilizados por setores diferentes, se aproximam do significado atribuído pela literatura, visto que a palavra cânone, corresponde ao sinônimo das expressões populares “clássicos” e “obras-primas”, ou seja, também se referem à redução, limite e exclusão, isto é, uma denominação que separa o que é legítimo do que é marginal.

Ademais, as unidades escolares básicas, universidades e materiais didáticos convencionaram a exploração da literatura de maneira a estereotipar certas obras e consagrá-las ideologicamente, tornando-as modelos a serem seguidos e produzidas por autores também pré-determinados que, através do discurso normativo, impõem certas regras para serem tratadas como critérios de medidas para a produção e reprodução de obras literárias.

Nesse sentido, os cânones, sejam eles nacionais, universais, eurocêntricos ou ocidentais comportam obras e autores que são selecionados para serem explorados de geração em geração. Daí as instituições e materiais didáticos que atendem a um público plural, ao se referirem aos estilos literários, tradicionalmente priorizam certos escritores e elementos internos e externos ao texto, agindo como um instrumento de repressão e discriminação a serviço de interesses dominantes, sejam eles advindos da ideologia da branquidade, do machismo, do patriarcalismo, do racismo e da heteronormatividade.

Essa predileção persistente na atualidade se tornou ainda mais evidente a partir do ocorrido em 2018 com a escritora mineira Conceição Evaristo¹², que

¹² Segundo o blog “Literafro – O portal da literatura afro-brasileira” Maria da Conceição Evaristo de Brito é Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto. Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o

apesar de participar de diversos eventos e receber muitos prêmios por sua escrita e pelo número considerável de livros vendidos, se candidatou a cadeira de número 07 na ABL (Academia Brasileira de Letras), contudo, não foi escolhida para tal ocupação. Essa atitude anulou não somente a representatividade e o trabalho grandioso da escritora, como também, deixou de lado uma petição online com aproximadamente 20 mil assinaturas realizada em apoio a candidatura da autora negra.

O texto do abaixo-assinado foi produzido pela professora de literatura da Universidade Federal da Bahia, Denise Carrascosa, que em um dos trechos diz “a escritora mineira Conceição Evaristo reescreve a história do Brasil a partir do ponto de vista de quem a vivencia, desde a chegada forçada de seus ancestrais, a partir de todas as suas trágicas e cotidianas impossibilidades” (CARRASCOSA, 2018)¹³.

Nesse prisma, a relevância sócio-histórica de suas obras foram desconsideradas assim como a escrita de outras mulheres negras no Brasil. Além disso, a petição questiona se a ABL “está preparada para compreender a necessidade de iniciar uma trajetória de reeducação em nossas formas de letramento”, isto é, através de sua fala Carrascosa demonstra a necessidade de se questionar e romper com o ideal de cânone literário, visto que este oprime, exclui, segrega.

Segundo Thomas Bonnici (2007, p.38), “o cânone literário ocidental é composto principalmente de obras escritas por autores brancos, masculinos e que pertencem às nações hegemônicas”. Assim, como bem explica Bonnici, há ausência de imparcialidade na seleção dessas obras “grandiosas”, o que de certa

ensaio. Biografia disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 30/Set/2019.

¹³ Denise Carrascosa é doutora em crítica literária e cultural, tradutora literária, advogada e professora adjunta de literatura na Universidade Federal da Bahia, na graduação do Instituto de Letras e no Programa de Pós-graduação de Literatura e Cultura. A Prof^a Dr. Carrascosa assinou o texto da petição online em favor da escolha pela escritora Conceição Evaristo para ocupar a Academia Brasileira de Letras. Abaixo-assinado disponível em: <https://www.change.org/p/academia-brasileira-de-letras-conceicao-evaristonabl?recruiter=874216552&utm_source=share_petition&utm_medium=facebook&utm_campaign=share_for_starters_page>. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

forma, desconsidera a qualidade estética do texto em prol de algo ainda superior aos fatores internos das produções literárias.

Para compreender a construção dessa predileção por certas obras, é importante lembrar que para produzir sua própria literatura, com autores e obras nitidamente nacionais, o Brasil contou com o empenho principalmente de autores Românticos, como indica Antônio Cândido em “Formação da Literatura Brasileira” (1962), obra que destaca os desafios enfrentados por esses escritores no período de ressignificação da literatura produzida em terra brasileira.

Nesse contexto, apesar do surgimento de inúmeros escritores brasileiros, ganham visibilidade e prestígio obras produzidas por autores como Machado de Assis, José de Alencar, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, assim como os baianos Castro Alves, Jorge Amado, João Ubaldo Ribeiro, entre outros que fizeram e ainda fazem parte de listas de textos a serem lidos nas escolas, academias e leitura obrigatória, inclusive para avaliações externas como o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e vestibulares.

Todavia, nas últimas edições do ENEM, a prova inseriu debates importantes através de textos de Literatura Negra, escrita feminista e dialeto *gay*. Entretanto, a repercussão no país foi de negação para com essas escritas e crítica negativa para com a prova que fugiu de sua seleção “tradicional” de obras literárias. Desse modo, é perceptível que há semelhanças entre os autores de predileção no país, e que a multiplicidade não se reflete nas obras e nos autores tidos como clássicos.

Por esse motivo, os meios acadêmicos no campo da crítica literária, têm então levantado questionamentos acerca da validação e necessidade de revisão desses cânones, afim de que obras representativas, embora marginalizadas, seja por seu teor interno, ou principalmente pelo perfil de seus autores, como mulheres, homossexuais, negras (os), indígenas, entre outros indivíduos que são excluídos, ganhem a notoriedade e o espaço que merecem, tal a grandiosidade de suas publicações e sua importância para a construção identitária e representativa de vários estratos sociais. Sobre esse prisma Bernd¹⁴ (1992) afirma:

¹⁴ Segundo informações disponíveis no currículo Lattes da investigadora brasileira Zilá Bernd, essa possui pós-doutorado na Université de Montréal (Canadá) em 1990 é Doutora em Letras (Língua e

[...] as literaturas dos grupos discriminatórios funcionam como o elemento que vem preencher os vazios da memória coletiva e fornecer os pontos de ancoramento do sentimento de identidade, essencial ao ato de auto-afirmação das comunidades ameaçadas pelo rolo compressor da assimilação. (Zilá Bernd, 1992, p. 13)

Portanto, esse contexto destaca a importância de se pensar na escrita feminina, negra, homossexual, ou seja, na autoria que se compõe por marcadores sociais e pela interseccionalidade, formada por grupos que se inserem na crítica cultural, reposicionando suas histórias e (re)configurando o seu lugar de sujeito. A partir desse ideal, torna-se relevante a inserção do estudo da literatura negra de autoria feminina representada pela poética de Lívia Natália no ensino médio público baiano.

Para a realização de tal discussão acerca da literatura negra, vale destacar que o conceito de literatura é mutável, ou seja, esse tem se modificado ao longo do tempo, variando conforme os interesses de determinado período ou grupo social, cultural ou histórico. Desse modo, Terry Eagleton (2006) em seu texto “Teoria da literatura: uma introdução” reflete acerca desses conceitos de literatura, seus interesses e relação de poder.

Portanto, historicamente às obras literárias são exigidos artifícios padronizados de “belas letras” com a contemplação de valores e gostos impostos por determinada classe social dominante. Desse modo, evidencia-se o debate referente ao conceito de cânone literário e a exclusão da Literatura Negra, pois apesar dessa escrita também contemplar esses elementos textuais, pela ausência de reconhecimento, divulgação de suas obras e reflexo de uma vivência e discurso contrários ao dominante, dificultam sua identificação enquanto obras clássicas.

3. LITERATURA NEGRA

A literatura produzida pelas pessoas negras sempre enfrentou obstáculos para ocupar seu espaço no campo literário nacional. Assim, a crítica literária não admitiu a propagação das produções desse público, rotulando-as como uma literatura inferior e demonstrando preferência para escritores e obras, segundo interesses dos intelectuais brancos. Por esse motivo, o leitor afro-brasileiro conheceu sua história, durante muitos anos, a partir do olhar do outro - o branco - que atribuía aos negros, em suas obras fictícias, personagens que desempenhavam papéis de subordinação.

A produção literária de negros e brancos, abordando as questões inerentes às relações inter-raciais, tem vieses diferentes por conta da subjetividade que a sustenta, em outras palavras, pelo lugar socio ideológico de onde esses produzem. (CUTI, 2010, p. 33).

A partir do pensamento de CUTI (2010) apresentado acima, é possível compreender que a sociedade cujo princípio dominante se baseia nos ideais do patriarcado, sua produção literária refletirá as relações de conflito marcadas pelo racismo, pelo sexismo¹⁵, pelo heterossexismo¹⁶ e pela homofobia¹⁷, sob o viés ideológico predominante. Nesse prisma, Audre Lorde¹⁸ (1984) em sua obra "*La hermana, la extranjera*" reflete acerca desses conflitos que são severos obstáculos sociais enfrentados pelas mulheres negras, principalmente por aquelas que escrevem.

¹⁵ Ciência da superioridade de um sexo e seu direito de dominar (LORDE 1984, p.07).

¹⁶ Ciência da superioridade inerente de um modelo de amor e em seu direito de dominar (LORDE 1984, p.07).

¹⁷ Medo do sentimento de amor pelas pessoas de nosso próprio sexo e, portanto, ódio a esses sentimentos manifestados nos demais (LORDE 1984, p.07).

¹⁸ Segundo dados do blog "Escritoras.ORG" Audre Lorde foi uma poeta americana que começou suas primeiras publicações na década de 60, na revista de Langston Hughes, *New Negro Poets, USA*. Neste período, engajou-se nos movimentos Feminista, Anti-Guerra e dos Direitos Civis. O ativismo feminista de Audre Lorde foi importante e polêmico, ao acusar o Movimento Feminista norte-americano, dominado por ensaístas e ativistas brancas, de ignorar a questão racial do problema, e por focar-se nas experiências de mulheres brancas da classe média. Desse modo, feminista, lésbica e ativista dedicou sua vida à militância junto as mulheres afro-alemãs. Biografia disponível em: <https://www.escritas.org/pt/bio/audre-lorde> Acesso em: 30/Set/2019.

A Literatura Negra tem sido, pois, continuamente vista como uma literatura menor, das margens, bem diferente do tratamento dado aos “cânones literários”. Isso porque “no estudo da literatura afro-brasileira mistura-se a obra do autor negro com a obra sobre o tema negro” (LOBO, 1993, p. 172). Contudo, segundo Lorde (1984), é preciso que a reação e a luta pela liberdade e pelos espaços seja frequente e intensa para que se possa abalar as estruturas tradicionais de dominação e subordinação econômicas, sociais e políticas.

Nesse contexto, surge a Literatura Negro-Brasileira uma construção por escritores e intelectuais que se afirmam produtoras/es de uma literatura na qual as/os negras/os são, pois, autoras/es da prosa e da poesia e não meramente personagens secundários, mas autoras/es e protagonistas de suas próprias histórias (SILVA 2011), ou nas palavras de Souza, “é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” (SOUZA 1983 p. 17).

Essa literatura procura discutir sobre a discriminação, o preconceito e as formas de superação para colocar a pessoa negra como sujeito da história. Desse modo, age com o propósito de romper barreiras que sempre foram impostas a esse público, ocupando, assim, espaço no meio literário. Dessa maneira, se trata de obras singulares, pertinentes e que transparecem a experiência de uma voz que sabe o modo negro de ver e sentir o mundo evidenciado em seu discurso (BERND, 1988).

Em contraponto as barreiras impostas à escrita das pessoas negras tanto no momento de produção, quanto na circulação, a autoria afro-brasileira contempla renomes de circulação nacional e internacionalmente, como é o caso de Conceição Evaristo, Carlos de Assumpção, Cuti, Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa, Cristiane Sobral, Lívia Natália, Cidinha da Silva dentre outras e outros. Vale ressaltar, portanto, a importância do livro “Cadernos Negros” para a conquista desse espaço, pois trata-se de uma série desenvolvida no Brasil a partir de 1978, período em que os movimentos negros intensificam a batalha por reconhecimento cultural.

Essa coletânea conta hoje com 41 volumes – um produzido por ano - mesclando contos e poemas de autoria negra que direciona a voz da negritude a um público leitor preto, sendo atualmente o principal veículo de divulgação desse

tipo de literatura. Além disso, os Cadernos Negros têm sido responsáveis pela visibilidade também da autoria negra e feminina, ou seja, este é sem dúvidas um instrumento de extrema importância tanto para a valorização das obras de literatura negra, quanto para combater os estereótipos de inferioridade construídos para com esse público, marcado duplamente pela opressão já que carrega as marcas de gênero e de raça, características que exigem resistência diante do cenário histórico-social.

Em relação aos estereótipos tradicionalmente construídos no campo literário o homem negro ocupa lugar menor, muitas vezes inexpressivo e quase sempre coadjuvante, vilão e/ou malandro, destacando a inferioridade dada a eles como reflexo da era escravista. Como exemplo desse retrato de inferiorização, vale destacar o perfil do personagem Antônio Balduino na obra “Jubiabá” (1935) de Jorge Amado, garoto pobre, criado pela tia no morro do Capa-Negro. Esse foi mendigo, lavrador, boxeador e lutou pelo fim da escravidão e liberdade de seu povo. Herói que embora tenha se empenhado em prol de seus semelhantes, foi considerado desordeiro por ter sido um líder grevista que carregava marcas étnico-raciais dos negros escravizados no período.

Já, em se tratando da mulher negra, essa recebe referências à sua habilidade para o trabalho braçal, além de caracterizada como sensual, fogosa e apta para a procriação (hooks¹⁹, 1995). No cenário da literatura brasileira, a representação da mulher afrodescendente por Jorge Amado através da personagem Gabriela de “Gabriela, Cravo e Canela” (1958) revela a concepção social da imagem atribuída à mulher negra símbolo/objeto sexual. O contato com obras como essa, por parte de alunas negras, possibilita um impacto negativo

¹⁹ De acordo com o artigo “bell hooks: uma grande mulher em letras minúsculas” publicado no blog [Mar de Histórias](https://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/) bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana. O apelido que ela escolheu para assinar suas obras é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. O nome grafado em letras minúsculas se dá, pois: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. De família numerosa, cinco irmãs, um irmão, pertencente ao que os americanos chamam de classe trabalhadora, bell hooks usou a própria vida, a vizinhança, a escola, como fontes dos seus primeiros estudos sobre raça, classe e gênero, sempre buscando nesses três elementos, os fatores da perpetuação dos sistemas de opressão e dominação. Biografia disponível em: <https://mardehistorias.wordpress.com/2009/03/07/bell-hooks-uma-grande-mulher-em-letras-minusculas/> Acesso em: 30/Set/2019.

diante da forma como essas escritas não dialogam com as representações e subjetividades dessas estudantes, mas perpetuam um discurso que as menosprezam e diminuem.

Nessa conjuntura, em “Intelectuais Negras” de bell hooks (1995) a autora reflete acerca da condição que se é reservada à mulher desde tempos coloniais, vista com desconfiança caso mostrasse apressos para o campo das ideias, isso porque a intelectualidade descoloniza e liberta as mentes, sendo, portanto, comum aos homens, em principal, aos homens brancos. Por esse motivo, “quando a maioria dos negros pensa em grandes mentes quase sempre invoca imagens masculinas. Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade as negras têm sido consideradas só corpo sem mente” (hooks 1995, p.03).

Essa visão depreciativa foi alimentada por uma obra polêmica, a “*The Black Man's Guide to Understanding The Black Woman*” (Guia para o negro entender a negra²⁰) de Shahrazad, que insiste na ideia de que as negras são intelectualmente inferiores aos negros e possuem o cérebro menor. Esse pensamento racista e sexista tem ora inspirado escritores brancos na criação de personagens – como Monteiro Lobato e sua série Sítio do Picapau Amarelo²¹ - ora oprimido muitas mulheres negras a escrever, visto que esse reforço da subalternização dessa mulher nessas obras às têm inibido a exercerem atividades intelectuais, pois esse pensamento interfere na construção de suas identidades e subjetividades.

Todavia, a vida intelectual pode ser um caminho para a construção da identidade subjetiva, feminina, negra, a partir do olhar de quem experiencia ser mulher e negra. “A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p. 205).

²⁰ Obra citada no artigo “Intelectuais Negras” de bell hooks (1995).

²¹ Segundo o artigo “Literatura e racismo: uma análise sobre Monteiro Lobato e sua obra”, Monteiro Lobato através da literatura voltada para o público infanto-juvenil e para os adultos chama a atenção pela forma estereotipada como constrói seus personagens – o caipira brasileiro e o negro - a exemplo de Jeca Tatu em “Urupês” e Tia Nastácia de “Sítio do Picapau Amarelo” que são tratados nas obras como seres inferiores, analfabetos, símbolos da miscigenação e responsáveis pelo atraso econômico do país. Obra disponível em <https://www.geledes.org.br/literatura-e-racismo-uma-analise-sobre-monteiro-lobato-e-sua-obra/> Acesso em 01 de setembro de 2019.

O campo intelectual ainda é um espaço majoritariamente masculino e branco, inclusive no estado da Bahia, apesar de ser este composto por 81% da população que se autodeclara negra, segundo dados do IBGE publicados pelo site “Estadão” em 2018. Nesse sentido, a escrita feminina se depara com obstáculos durante todo o percurso, ou seja, desde a produção, publicação e circulação de suas obras, não somente no estado baiano, mas em todo o país. Sobre esse fato, na compreensão de Sahlins (2003):

O produto que chega ao seu mercado de destino constitui uma objetificação de uma categoria social, e assim ajuda a construir esta última na sociedade; em contrapartida, a diferenciação da categoria aprofunda os recortes sociais de sistemas de bens. O capitalismo não é pura racionalidade. É uma forma definida de ordem cultural [...] (SAHLINS, 2003, p.206).

A afirmação acima revela a hostilidade do mercado editorial capitalista que despreza a produção resistente sob a lógica da cultura tradicional anulando, assim, determinados sujeitos sociais e seus lugares de fala como é o caso das mulheres negras que escrevem.

Destarte, a Literatura Negra de autoria feminina objetiva-se, principalmente, em romper com definições impostas sobre o corpo negro feminino, tanto em relação à estética, quanto à sexualidade que há séculos foram atribuídos referenciais abomináveis e de inferiorização, isso porque, como afirma Cuti (2010, p.12) “a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação”. Dessa maneira, “o discurso negro feminino toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida” (EVARISTO, 2005, p. 54).

Outrossim, as escritoras negras têm se deparado com um mercado capitalista que se tornou um impasse para a publicação e circulação materializada dessas obras. Por isso, essas autoras têm optado por alternativas, como se apoiar no espaço democrático que a internet proporciona para divulgação e também buscam participar de determinados eventos culturais.

Por esse motivo, não que historicamente esse público não produza textos literários, mas muitas dessas obras chegam ao mercado através de autofinanciamento de edições. Baseando-se nisso, Muzart (2004) destaca como a

participação em feiras e eventos feministas, tem contribuído para divulgar e circular essas edições, deixando claro que essa alternativa de cunho coletivo tem sido a saída de tantas mulheres que querem falar, escrever, editar.

Sob esse prisma, a professora e pesquisadora Ana Rita Santiago²² (2012) ressalta ainda que, no Brasil e, mais especificamente na Bahia, há um clima de antipatia e resistência para com as obras literárias produzidas por mulheres negras. Isso se deve porque parte de uma avaliação da crítica literária atribui a essa escrita um exagero em seu engajamento e protesto, além de supervalorização memorial, assim, reservando a segundo plano fatores da literalidade, como as medidas pré-determinadas à estética textual, presentes nos “cânones literários”, ou seja, o cânone contempla formas estéticas do estilo literário da época em que foi produzido sem sobrecarregar o texto de fatores históricos, mas contemplando temáticas humanas universais e atemporais como, por exemplo, o amor, a saudade e o adultério.

De acordo com esse ideal então, a escrita feminina negra representa uma autoria que deixa a desejar no quesito qualidade. Contudo, essa é uma avaliação segregacionista da crítica literária, pois a poética negra abarca diversas temáticas e recursos textuais, assim como as obras tidas clássicas. Suas diferenças englobam, portanto, a autoria, as narrativas e construções de seus personagens, não a qualidade destas obras.

Todavia, é sabido que esse pensamento tem fundamentado a exclusão de obras afro-brasileiras, principalmente em relação ao preconceito construído contra a escrita das mulheres negras que duplamente enfrentam as consequências do racismo e do machismo, como afirma Ribeiro (1998):

²² De acordo com informações disponíveis no currículo lattes da professora Ana Rita Santiago, essa foi Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É pós-doutora (Université Paris Descartes, Paris 1, Sorbonne, França, (2017)). Possui doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2010) e Mestrado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB, 2005). Tem experiência na área de Educação e Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura afro-feminina, escritoras negras, educação pluricultural e antidiscriminatória, identidade e memória, literatura negra, gênero e literatura, autoria negro-feminina no Brasil e em países africanos em língua portuguesa. Biografia disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3493678/ana-rita-santiago> Acesso em 30/Set/2019.

Os dois referenciais — branquitude e poder — coexistem como reafirmação da conjugação entre machismo e racismo e incidem sobre a vida da população negra. Para as mulheres negras resultam em barreiras para o seu cotidiano e desenvolvimento pleno (RIBEIRO, 1998, p.196).

De tal modo, é evidente a segregação enfrentada por essas autoras e por isso, a dificuldade de se encontrar essas obras disponíveis no mercado, o que caracteriza sua desvalorização mercadológica. Apesar disso, na Bahia a autora Livia Natália tem resistido a essa desvalorização através do apoio de editoras que surgiram exatamente para suprir a ausência das obras de literatura negra no país e contribuir para a veiculação das publicações dessas(es) autoras(es). Assim, a poetisa contou com a contribuição da Ogum's Toques Negros, editora baiana que prioriza a escrita negra, da Editora Malê que colabora com a ampliação da diversidade do mercado editorial brasileiro e da Caramurê Publicações, que dá espaço para autores baianos em busca de revelar talentos na Bahia e impulsionar a cultura local.

3.1 LITERATURA NEGRA FEMININA NA BAHIA: A ESCRITA DE LIVIA NATALIA EM FOCO

A escritora Livia Maria Natália de Souza Santos, natural de Salvador-Bahia, nascida em 25 de dezembro é mestra (2005) e doutora (2008) em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura pela Universidade Federal da Bahia, instituição que atualmente atua como professora de teoria literária e possui também Pós-Doutorado (2017) pela Universidade de Brasília. A poeta e contista é autora de *Água Negra* (2011), *Correntezas e Outros Estudos Marinhos* (2015), *Água Negra e Outras Águas* (2016), *Dia Bonito Pra Chover* (2017) *Sobejos do Mar* (2017) e *As Férias Fantásticas de Lili* (2018), além de produzir vários textos não ficcionais.

Hodiernamente, a escritora tem se sobressaído no cenário contemporâneo da Literatura Negra nacional e internacionalmente. Suas obras poéticas são fortemente marcadas pela relação entre literatura, mulher e etnia, pois protagonizam representações sociais relativas à vivência da mulher negra e baiana no cenário literário. Assim, como afirma a autora [...] “escrevo sobre

escrita... O próprio processo de escrita me interessa muito... Escrevo sobre violência. Escrevo sobre vários temas. Mas todos os temas nascem de um lugar de fala... do meu lugar de fala enquanto mulher negra” (LÍVIA NATÁLIA, 2017)²³.

Nesse sentido, Livia Natália representa a mulher negra baiana que insurge da forma caricaturada que é descrita em muitas obras de autoria masculina, branca. Desse modo, as produções da autora focalizam o feminino negro e o feminismo negro, exercendo dessa forma sua função de desmistificação de paradigmas e seu compromisso de traçar o real perfil de suas representações.

Para esse fim, sua escrita é dedicada a pluralidade cultural, em que suas narrativas contemplam protagonistas e histórias muitas vezes apagadas da historiografia. Além disso, seus textos se destacam pela forma como a religião de matriz africana é apresentada, ou seja, é descrita de maneira não estereotipada

“como boa filha de Osun, me criei nas dunas no Abaeté e, alimentada por Iemanjá, muito me banhei na poética praia de Itapuã” (Livia Natália, 2017)²⁴. A fala da autora revela, pois, o desejo de pôr fim a demonização e desumanização dos lugares ocupados pelas mulheres negras baianas de religiões afro-brasileiras.

Sua poética descreve com respeito, admiração e devoção os ritos e entidades religiosas que fazem parte do corpo e da alma de um eu lírico que ecoa as palavras de seus ancestrais, isto é, o resgate da memória e da ancestralidade são fatores preponderantes da escrita de mulheres negras. Ademais, como características de suas obras, há também referências a experiências erótico-amorosas e reflexões em torno da própria identidade "ser mulher negra é um desafio constante" (Livia Natália²⁵), essa subjetividade lírica vai de encontro a questionamentos que cruzam os conflitos interiores e exteriores inerentes a sua identidade negra.

O eu feminino da poética de Livia é o retrato de uma mulher empoderada que assume seu destino, revisita seu passado, suas memórias familiares,

²³ SALES, Cristian. Livia Natália: Abébé omin - poesia e religiosidade afrobrasileira banhada nas águas de oxum. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano XI, NºXXI, setembro/2018. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br> > Acesso em: 03 de agosto de 2019.

²⁴ Livia Natália em entrevista ao blog Correio Nagô em 2017, durante evento de lançamento de seu livro “Dia bonito pra chover” disponível em < <https://correionago.com.br/portal/nos-negrxs-precisamos-nos-pensar-como-corpos-de-afeto-tambem/> > Acesso em 07 de maio de 2019.

²⁵ Biografia de Livia Natália acessível no blog Escritoras Negras da Bahia, disponível em <<https://escritorasnegras.com.br/escritora/livia-natalia/>> Acesso em 08 de maio de 2019.

amorosas, religiosas, sociais, ao passo que revela paixões, sentimento de justiça, força, coragem, resistência, humanidade. Segundo a autora “escrevendo, aciono muito fortemente elementos da vivência de uma mulher negra num país sexista e racista. Estas questões sempre estão presentes, sem panfleto, é poesia, mas poesia compromissada com este lugar de fala” (Lívia Natália, 2017²⁶).

Vale ressaltar também, a relação demasiada entre a autora e o elemento água, pois esse se faz presente metaforicamente em títulos e textos. "Minha braveza é de água. Essa gramática que Oxum constrói me constitui: o silêncio, a coisa de mergulhar e ninguém saber o que tem lá por dentro" (Lívia Natália, 2018²⁷), nessa afirmação fica evidente que além do elemento feminino água, a autora também demonstra predileção e devoção a Oxum, orixá do sexo feminino que rege as águas doces, essas que embora sejam doces e encantam, também escondem seus mistérios e armadilhas àqueles que nelas se afogam, assim como as múltiplas facetas reveladas pelas mulheres negras.

Desse modo, os mistérios, abrangência, força, sutileza e maleabilidade da água caracterizam as vivências enfrentadas e a resistência apresentada pelo eu poético marcado por fatores de gênero e raça, sobrevivente num país que factualmente segrega mulheres negras.

Destarte, é evidente que seus textos cumprem a função engajada de refletir acerca de fatores e sujeitos discriminados, se destacam também pela qualidade textual, já que comportam versos refinados e uma poética sofisticada, reconhecida inclusive por honrarias como o Prêmio Banco Capital (2010) e o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte 2017). Desse modo, seu engajamento, o domínio da linguagem e suas construções metafóricas fazem com que as obras ficcionais de Lívia Natália se tornem referências no cenário literário baiano e nacional, tal sua qualidade literária e importância representativa.

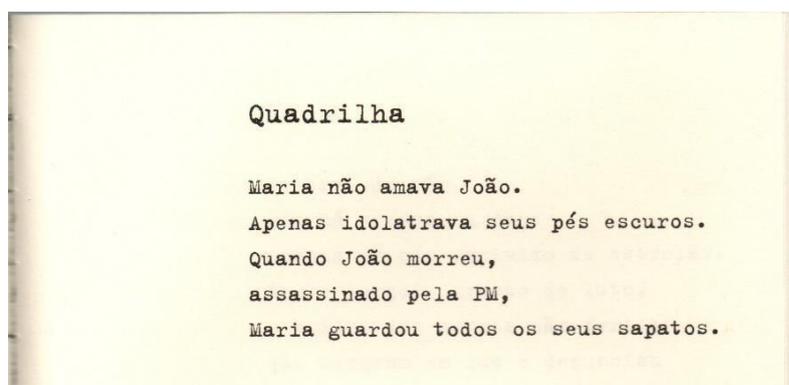
A representatividade e resistência marcadas pela poética de Lívia Natália permitem que estas se enquadrem num perfil militante ativo e demonstrem o poder que a palavra tem como instrumento de luta e protesto diante dos espaços

²⁶ Lívia Natália em entrevista ao blog Geledés Instituto da Mulher Negra em 06/05/2017, disponível em <<https://www.geledes.org.br/poesia-de-livia-natalia/>> Acesso em 08 de maio de 2019.

²⁷ Lívia Natália em entrevista ao blog Geledés Instituto da Mulher Negra em 09/01/2018, disponível em <<https://www.geledes.org.br/livia-natalia-venci-resistencia-escrever-sobre-o-amor/>> Acesso em 08 de maio de 2019.

literários, sociais e políticos. Como exemplo disso, em seu livro “Correntezas e Outros Estudos Marinhos” o poema “Quadrilha” (2015, p.137) – crítica explícita aos assassinatos de homens negros pela Polícia Militar, especificamente se trata de um episódio conhecido como “a chacina do Cabula²⁸” em que uma ação da PM realizada em 06/02/2015 deixou 12 mortos e 06 feridos. A PM informou no período que tudo aconteceu por legítima defesa, entretanto, após denúncias de que os policiais mataram sem motivos o caso passou a ser investigado.

Alguns meses depois desse acontecimento, o poema “Quadrilha” foi exposto em ambiente público num outdoor na cidade de Itabuna-BA, todavia ele foi retirado do local depois de quatro dias de exibição, quando deveria permanecer ali por cerca de dois meses. O texto foi alvo de críticas da Associação dos Policiais e Bombeiros Militares e seus Familiares do Estado da Bahia (ASPRA) que acusou o poema de incitar a discriminação, a intolerância e o racismo contra os policiais militares baianos. A associação então pediu a retirada imediata do outdoor das ruas. Lívia Natália considera que esse é um ato caracterizado como censura e desrespeito à democracia brasileira. Em seus versos a poetisa declara:



²⁸ Lívia Natália em entrevista divulgada no site G1 Bahia em 21/01/2016 em que a autora afirma que seu poema “Quadrilha” foi inspirado no episódio em que 12 pessoas morreram durante ação da PM no bairro de Cabula, em Salvador-BA. Disponível em <<http://g1.globo.com/bahia/noticia/2016/01/escritora-diz-ter-sofrido-censura-em-poema-sobre-morte-de-negro-pela-pm.html>> Acesso em 13 de maio de 2019.

A escolha por nomes próprios, simples e comuns como “Maria” e “João” – tal como “Severino”²⁹ de João Cabral de Melo Neto (1955) - além da referência a “seus pés escuros”, revelam elementos ligados a fatores sociais e raciais que vão de encontro ao perfil daqueles que são as maiores vítimas da violência no Brasil, indicando que essas possuem cor e classe social pré-determinadas, ou seja, a autora utiliza de sua voz poética para denunciar as mazelas enfrentadas cotidianamente por seus semelhantes.

Além disso, nos versos que dizem “Maria não amava João, apenas idolatrava seus pés escuros” depreende-se que apesar de não amar seu companheiro, Maria venerava a proteção que a figura masculina de João poderia lhes proporcionar - mesmo que não houvessem entre eles uma mútua relação de amor, daí a referência a seus pés, postos como símbolo de presença, de solidez. Por isso, Maria, assim como muitas mulheres negras – sejam alunas ou suas mães - enfrentam também o desafio de vivenciarem relações de afeto correspondentes, se apegando aos sapatos de João – única herança e proteção deixada para a mulher.

Outrossim, a respeito dos versos que dizem “Quando João morreu, assassinado pela PM”, é evidente que a autora se refere ao retrato social real de muitas pessoas que são mortas por militares, subjugadas pela cor da pele. Militares esses que justificam suas ações em nome da lei e da ordem, eleitos para levarem a segurança ao cidadão, mas que a cada dia o posicionamento dessa classe tem refletido o seu despreparo, principalmente na maneira discriminatória e violenta como abordam negros, pobres e moradores de regiões periféricas.

Assim, as palavras de Livia Natália, quando apropriadas por pessoas que vivenciam essas afrontas em seu cotidiano, se tornam fonte de inspiração e de representação para que outras possam também expor suas insatisfações, consigam compartilhar suas dores, ter forças para lutar e resistir, além de se tornarem instrumento de empoderamento, já que sua literatura dialoga

²⁹ Morte e Vida Severina retrata o drama do pobre e como este é esquecido no país, denominando de Severino todos aqueles que partilham de uma mesma realidade e dor. Texto completo disponível em: <http://bibliotecadigital.puccampinas.edu.br/services/ebooks/Joao%20Cabral%20de%20Melo%20Neto.pdf>> Acesso em 01 de setembro de 2019.

principalmente com a vivência das mulheres negras brasileiras, vítimas de violência física, psicológica, patrimonial e sexual no país.

3.2 A SUBJETIVIDADE DA ESTUDANTE NEGRA EM DIÁLOGO COM A POÉTICA DE LÍVIA NATÁLIA

A definição de identidade deve levar em conta as marcas da diferença, ou seja, sua construção se dá por meio de fatores sociais e culturais que ora promovem sistemas simbólicos de representação, ora acarretam formas de exclusão social. Assim,

“[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação” (RUTHERFORD, 1990, p.19-20).

A identidade, pois, não é o oposto da diferença, mas através dela as relações do mundo social e cultural se estabelecem por sistemas de classificação. Isso porque essa correlação entre identidade e diferença promovem relações de hierarquia, disputas e conseqüentemente, classificações.

Nesse sentido, as diferenças que marcam as identidades mantêm entre si relações de poder, sendo assim, certos grupos sociais marcados por determinadas diferenças garantem o privilégio aos bens sociais em detrimento a outros grupos. Desse modo, as relações de poder se fazem presentes para incluir ou excluir, para demarcar fronteiras, classificar e normalizar, muitas vezes atribuindo a certas identidades – pelo predomínio de supremacias sociais – a classificação de normal, natural, única, em oposição a outros grupos marcados por elementos de diferenciação tidos como inferiores, subalternos, marginais.

"Normalizar significa eleger -arbitrariamente- uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais todas as outras

identidades só podem ser avaliadas de forma negativa à identidade normal e 'natural', desejável e única" (TOMAZ, 2000, p. 83).

É sabido que a identidade é uma construção, isto é um processo instável, inconsistente e que por diversos fatores internos e externos aos sujeitos essa pode se transformar. Sobre isso HALL (2005) afirma que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identidades estão sendo continuamente deslocadas”. Essa alegação do autor comprova o caráter mutável da identidade.

Em se tratando da mulher negra a sua identidade é marcada pela relação de gênero e raça, ademais, envolta por uma sociedade racista, sua construção identitária se edifica num espaço sociocultural não representativo, mas se dá através de um local que supervaloriza a padronização estética e cultural eurocêntrico. Um exemplo disso, é o que bell hooks destaca em “Alisando nossos cabelos”³⁰, em que a autora reflete sobre o processo do alisamento capilar tido como uma ação estratégica para que as mulheres negras ficassem mais bonitas e assim pudessem “triumfar no mundo branco” hooks (2005), isso através de um reflexo da mentalidade colonizada.

Entretanto, a partir do desafio ao racismo com a propagação dos penteados afro muitas pessoas negras passaram a se inspirar e se identificar com a sua própria beleza e conseqüentemente, com o seu corpo social.

Os penteados naturais eram associados à militância política. Muitos(as) jovens negros(as), quando pararam de alisar o cabelo, perceberam o valor político atribuído ao cabelo alisado como sinal de reverência e conformidade frente às expectativas da sociedade. (hooks, 2005, p.04)

Desse modo, os penteados afro passaram a se tornar símbolos de militância política. Por esse motivo, torna-se evidente que a ausência de

³⁰ O artigo “Alisando o nosso cabelo” de bell hooks encontra-se disponível na Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Sua tradução foi realizada pelo espanhol: Lia Maria dos Santos e retirada do blog coletivomarias.blogspot.com. Esse texto encontra-se disponível desde 2014 no blog Geledés Instituto da Mulher Negra em https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/?gclid=EAlalQobChMIIsfKzrOfX4wlViywRCh3tnALVEAMYASAAEgKkrvD_BwE. Acesso em 28 de julho de 2019.

representação interfere negativamente para se compreender o lugar social ocupado pelas mulheres negras independentemente de faixa etária. Porém, é na adolescência, no período em que cursa o ensino médio e passa pela transição da infância para a vida adulta, que elas se deparam com severos conflitos internos diante da busca por espaços e aceitação. Assim, tendem a se retraírem ou anularem sua autoimagem pela ausência de representatividade social de suas raízes e fenótipos.

A busca, pois, por se assemelhar aos padrões sociais interfere diretamente no desenvolvimento da identidade dessas mulheres. Sobre esse fato, Ferreira (2009, p. 70) afirma que diante desse contexto de exclusão é comum “absorver e se submeter às crenças e aos valores da cultura branca dominante”. À vista disso, essa internalização de estereótipos negativos e contrários a si é feita de maneira inconsciente.

Como agravante a essa situação tem-se a escola, local que tem realimentado as distorções a respeito da identidade afrodescendente. Neste espaço, por intermédio de suas práticas esse público é submetido à influência de figuras estranhas à sua identidade. São valores eurocêntricos que não o favorecem, pelo contrário, coloca-o em uma posição inferior (Ferreira, 2009). São esses então motivos que levam muitas estudantes negras a desconstruírem sua imagem, a negarem seus traços de negritude, algumas vezes até a evadirem ou apresentarem baixo rendimento, principalmente quando se tornam alvos de situações de bullying e/ou rejeição amorosa.

Nessa conjuntura, em seu artigo “Eu mereço ser amada”³¹, Lívia Natália reflete acerca dos principais desafios enfrentados pela mulher negra tanto por consequência do racismo, quanto do sexismo. No texto torna-se evidente as práticas de desamor vivenciadas por essas mulheres, que condenadas pelo impacto do período escravocrata, conviveram e ainda convivem com experiências amorosas incompletas e distantes das histórias de amor carregadas de afeto e romance.

Além disso, o texto aborda que a mulher negra ora tem seu corpo usado e desejado sexualmente, ora é vista como a rival da mulher branca. Por esse

³¹ Artigo publicado no blog Geledés Instituto da Mulher Negra em 2016, disponível em <https://www.geledes.org.br/eu-mereco-ser-amada/>, acesso em 14 de julho de 2019.

motivo, vivenciam relações de desnível com homens negros, homens brancos e mulheres brancas, não sendo amadas e admiradas como gostariam e tendo o seu corpo e sua estética considerados obstáculos marginais que interferem diretamente em sua afetividade e empoderamento tornando-as, muitas vezes, condenadas a relações de abuso e opressão. Essa solidão faz com que muitas delas submetam-se por viverem relacionamentos abusivos e se contentarem com um amor insignificante tal sua fragilidade diante da concentração superficial em sua beleza física e negação de seu interior.

É então nesse contexto que se percebe a necessidade de maior interferência representativa na vida de jovens negras para que através do desenvolvimento de sua autonomia e do fortalecimento de seu amor próprio essas possam ter experiências sociais e amorosas satisfatórias, evitando o enfrentamento de muitas dores e solidão. Desse modo, o trabalho com a poética de Livia Natália no espaço escolar permitiria a essas estudantes a auto identificação, tal a representatividade de suas obras e engajamento da autora para com o empoderamento de suas semelhantes.

Segundo Sartre (1948, p.27) uma obra engajada é aquela em que o escritor pode “participar do, no e para o mundo”, ou seja, a respeito da literatura negra feminina, autora e leitora se tornam cúmplices no momento de interpretar e interferir na realidade sócio histórica a qual fazem parte. Para isso também, o feminismo negro tem oferecido suporte as mulheres negras e travado uma luta coletiva através da sororidade³² em busca de espaço, respeito e amor que lhes são de direito e a escola – por meio da literatura negra – torna-se uma peça fundamental para que se possa alcançar essa conquista.

3.3 “ÁGUA NEGRA E OUTRAS ÁGUAS”: INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO PARA ALUNAS NEGRAS BAIANAS

³² Segundo a autora Marcela Lagarde (2016) o termo sororidade refere-se a “uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência subjetiva de mulheres que os leva à busca de relações positivas e à aliança existencial e política, corpo a corpo, subjetividade a subjetividade com outras mulheres [...] é a consciência crítica sobre misoginia, seus fundamentos, preconceitos e estigma, e é o esforço pessoal e coletivo de dismantelar em subjetividade, mentalidades e cultura, em paralelo com a transformação da solidariedade. Disponível em <<http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/download/818/526>> Acesso em 17 de maio de 2019.

O livro de poesia “Água Negra e Outras Águas” lançado em 2016 por Livia Natália chama a atenção logo de início por conter as sábias palavras da professora e poeta Ângela Vilma e do escritor e jornalista Jean Wyllys sobre os impactos proporcionados por essa obra em seu leitor.

Assim, na contracapa do livro Ângela Vilma afirma que “Livia nos lança, indubitavelmente, da pedra que sentamos para avistar o mundo, à água, poesia maior, em mergulho arrebatador. Desse mergulho saímos apaziguados, iluminados” (OLIVEIRA, 2016). De acordo com esse prisma, o leitor se deparará com uma leitura unanime, que possibilitará a visão ampliada diante de uma realidade camuflada, desprezada e que da mesma forma como a água é um elemento maleável, esse mergulho em novas descobertas se dará de maneira sutil e ao mesmo tempo arrebatador.

Como complemento a esse discurso, Jean Wyllys, nas orelhas do livro, destaca os principais elementos contemplados pelos textos que revelam a grandiosidade da escrita presente ali, como a linguagem peculiar carregada de metáforas insólitas, as interrogações sobre o mundo interior e o exterior a nós, seu engajamento político e a maneira como atua no fortalecimento da humanidade.

O livro ainda é uma versão ampliada, através da editora Caramurê, de sua primeira obra poética “Água Negra”. Esse é dedicado pela autora a *Osun* que segundo o blog “Portal Orixás” trata-se de um orixá da religião *yorubá*, considerada a senhora das águas, da fertilidade, da beleza, do amor, símbolo do poder feminino que reina sobre a água doce dos rios. *Osun* é então a quem Livia Natália indica na folha da dedicatória, ser a dona de suas águas.

Para se observar a profundidade dessa escrita e como esses textos são representativos ao público leitor, é interessante observar o prefácio do livro que foi produzido pela escritora e pesquisadora Mel Adún e pelo editor da obra Fernando Oberlaender. Para Mel Adún “Água Negra e Outras Águas” permite à mulher negra uma autorreflexão e reconhecimento de seu espaço no âmbito da escrita, afirmando que “nos tornamos senhoras de nossas histórias” e que “Água Negra nos devolve nosso corpo” (ADÚN, 2016).

Essa destaca ainda sua felicidade diante de uma obra feminina negra no mercado literário brasileiro e justifica asseverando que “toda vez que uma mulher

negra fala por si mesma numa obra literária, ela empodera e dá voz a milhares de outras mulheres, Negras ou não” (ADÚN, 2016). Compara também a delicadeza e firmeza das palavras da poetiza com a maneira com que as águas de um rio nos guiam durante o seu curso “a sua poesia é assim, tem passado e futuro, amor e dor, doce e amargo”. Já Fernando Oberlaender estabelece relação entre os dizeres da poesia de Livia Natália e trechos da música “Raça” de Milton Nascimento e Fernando Brant, revelando que seus versos traduzem a humanidade ao passo que reflete acerca das injustiças, do racismo e das questões políticas do país.

Sob o título da obra “Água Negra e Outras Águas” vale ressaltar a plurissignificação do elemento água, visto que esse se remete a caminho/trajeto enfrentado pela mulher negra e/ou representando sua relação com esse elemento natural tão presente em todas as fases de sua vida, seja por meio de seu contato constante com o mar ou com as significações que o termo adquire no campo religioso afro-brasileiro. Essa é também uma realidade partilhada por muitas estudantes negra, que através do contato com obras representativas como essa, em atividades pedagógicas direcionadas, poderão obter experiências significativas de troca de conhecimentos e valorização de seus ideais.

Essa coletânea com um total de 44 poemas, em que alguns de seus títulos encontram-se em vocábulo *yorubá*, trata-se de uma versão ampliada de seu primeiro livro publicado “Água Negra” em 2011. Sua nova versão contempla as três primeiras seções denominadas “*Odu Omin*, Marés sem fim e Desaguar” e recebe o acréscimo de outra seção “Outras Águas”, composta por 17 poemas inéditos.

Toda a obra reflete então a partir de uma voz feminina sobre todos os processos sejam sociais, culturais, religiosos, amorosos, políticos e históricos vivenciados por uma mulher negra, local de fala semelhante a muitas alunas do ensino médio público. Por isso, tais poemas são tão importantes para que cheguem ao alcance dessas nas unidades escolares, a fim de despertar a criticidade, o reconhecimento, o diálogo significativo, o empoderamento e a autoestima das estudantes que poderão mergulhar nos princípios estéticos e ideológicos de Livia Natália através de sua escrita.

A seção *Odu Omin*, cujo significado na língua *yorubá* é “destino das águas”, é composta de 14 poemas que de maneira geral fazem referência a elementos da natureza como estrela, céu, rio, mar, fogo, além de fazer alusões a subsídios internos a mulher negra como alma, angústia, lembrança, memória. Nesses textos, a autora inicialmente reflete sobre a composição de seu ser, relembra episódios que viveu em família, evidenciando a força, luta, resistência de sua mãe que batalhava para cuidar, proteger e amar seus filhos, em oposição à figura do pai – distante, ausente muitas vezes físico e afetivamente.

Através da leitura desses poemas em sala de aula, e promoção de debates e rodas de conversas, as discentes que também enfrentam esses conflitos pessoais, poderão encontrar na escola um espaço para o diálogo e compartilhamento de suas experiências semelhantes e se inspirarem na força apresentada pelo eu lírico dos textos.

Os poemas “Metonímia”, “Espelhos”, “Correntezas” (Lívia Natália 2016) ilustram, pois, as memórias que o eu lírico possui de seus pais através da descrição de episódios bons e ruins que marcaram sua vida da infância, adolescência, à fase adulta, destacando toda a admiração que sente pela figura da mãe, símbolo maternal sem deixar de lado sua feminilidade.

Esses poemas se caracterizam também pela linguagem simples e pela clareza em suas abordagens o que evidencia serem excelentes opções de leituras para serem exploradas em sala de aula no ensino médio público, pois esse relacionamento familiar conturbado e marcante é vivenciado também por muitas discentes que a partir desses textos poderão se identificar e refletir acerca de tais situações.

A linguagem poética de autoria negra feminina é algo que merece destaque, já que através de seu uso criativo, enfrenta problemáticas como racismo, machismo, homofobia, desigualdades que marcam a subjetividade das alunas negras, que se deparam com realidades comuns descritas nessas obras, de maneira tão peculiar e concreta, que permitem esse diálogo de identificação e ampliação de suas vozes. Essas escritas de destacam também pela preocupação na seleção vocabular, de maneira que desprezam vocábulos carregados de preconceito, mas que permeiam o cotidiano social em diversos meios, inclusive no campo literário.

Os poemas “Asé” e “Abebé Omin” (Lívia Natália 2016) passeiam pelo campo religioso de maneira sutil, embora seja possível refletir a partir da descrição do processo da maternidade, sobre memória, ancestralidade, raízes e fé. Em “Ori” (Lívia Natália 2016) a metaforização sob a figura do rio, em contraponto a vida dessas mulheres, revela o enfrentamento de um percurso carregado de obstáculos, porém que evidencia a força, transparência, resistência e maleabilidade de seu povo.

Essas dificuldades enfrentadas são reforçadas pelo poema homônimo “Água Negra” (Lívia Natália 2016) ao se referir a vida negra nas ruas da cidade, às vítimas da violência no país e ao sangue derramado por seu povo pré-julgado pela cor. Todos esses diálogos já fazem parte das discussões interdisciplinares do ensino médio, o que se percebe portanto, é a necessidade de se refletir sobre essas questões a partir da visão de quem ocupa esse lugar de fala, daí a importância dessa leitura estar presente no ambiente da sala de aula.

Nesse contexto, “Louvação à criatura” (Lívia Natália 2016) destaca o medo enfrentado diante da dura realidade, a forma como muitas pessoas negras se fecham em si, ora como casulo, escondendo-se das sombras da opressão histórica, ora como ostra, resguardando-se da dor e refazendo-se a cada dia, já que, como diz o poema, suas mãos de pássaros revelam o desejo de voar, escapar de tamanha crueldade e fantasmas que as cercam. Embora ficcional, esses são fatores reais cotidianamente vivenciados por jovens negras brasileiras em suas comunidades.

Nessa seção há também textos que se voltam para a representatividade do corpo e estética negra como em “As meninas” (Lívia Natália 2016), reflexo do erotismo através dos símbolos umbigo, cheiro, gozo e das metáforas empregadas como asas, folhas, gomos fibrosos, mangas e talo que aludem a órgãos e ato sexual, “Odisseu” (Lívia Natália 2016) apresenta a valorização do corpo, dos cabelos, da voz da mulher negra que em “Memória Filogenética” (Lívia Natália 2016) tem sua autoestima evidenciada ao se auto comparar ao brilho dos astros celestes, tal a beleza e singularidade de sua pele, de suas curvas. Nesse cenário “Osun Janaína” (Lívia Natália 2016) reforça essa descrição da força e da beleza da mulher negra quando diz:

Osun Janaína

Descobri que, para mim,
ser mulher basta.
Para puxar véus,
Levantar saias
Pintar as unhas de vermelho feroz –
mesmo que seja só para depois dizer: para.

Ou para ver a dança des-contínua do seu corpo
sobre o meu (o meu oposto)
Pelo espelho que se emancipa
das paredes deste quarto
e desta tarde delicada.

Mas sempre ser mulher basta:
Posto que é inteiro e vão,
onda que bate na pedra e se despedaça
apenas para voltar inteira
- afogada –
num mar de (in)diferenças
onde cada gota solitária e única
forma um discurso descomposto,
cambiante,
plural:
Mesmo quando me atiro sobre esta pedra,
que me rechaaça.

É possível perceber que esse poema descreve uma mulher sensual, empoderada, carregada de autoestima e segura de si. Alguém que percebe a força que tem, e através das palavras empregadas, como véus, saias, unhas vermelhas, passeia pelo campo erótico, como forma de afirmar todo o seu poder e autonomia diante da experiência sexual com o seu oposto. Vale ressaltar que essa forma de representação da mulher negra e sua subjetividade no campo literário faz parte da autoria negra feminina.

Desse modo, tal escrita, ao se deparar com adolescentes negras poderá exercer papel fundamental para o amor-próprio, autoafirmação e consciência corporal e identitária, questões que tanto afligem essas meninas por constantemente serem alvos de cobranças estéticas ligadas ao segregacionista

padrão de beleza pregado inclusive pelo campo literário. Esse ideal de que sua estética não se enquadra ao pré-estabelecido socialmente para o campo da beleza, aflige diretamente a subjetividade da mulher negra, que de acordo com bell hooks em referência a simbologia dos cabelos crespos, determina que essas mulheres devem atuar com resistência diante dos padrões hegemônicos que menosprezam seus corpos e representações:

É mais importante que as mulheres façam resistência ao racismo e ao sexismo que se dissemina pelos meios de comunicação, e tratem para que todo aspecto da nossa auto-representação seja uma feroz resistência, uma celebração radical de nossa condição e nosso respeito por nós mesmas. (hooks, 2005)

Nesse ideal, o papel ativo da mulher negra é imprescindível para o enfrentamento da discriminação étnico-racial que ocorre na sociedade e que se reflete nos meios de comunicação, indo de encontro à literatura. Isso porque, como evidencia o poema em análise, em que o eu lírico é novamente condenado pelo machismo, pelo racismo e ausência de afetividade, é preciso a persistência militante dessas mulheres diante dessas problemáticas que interferem negativamente, em principal, suas relações afetivas, autoestima e oportunidades profissionais.

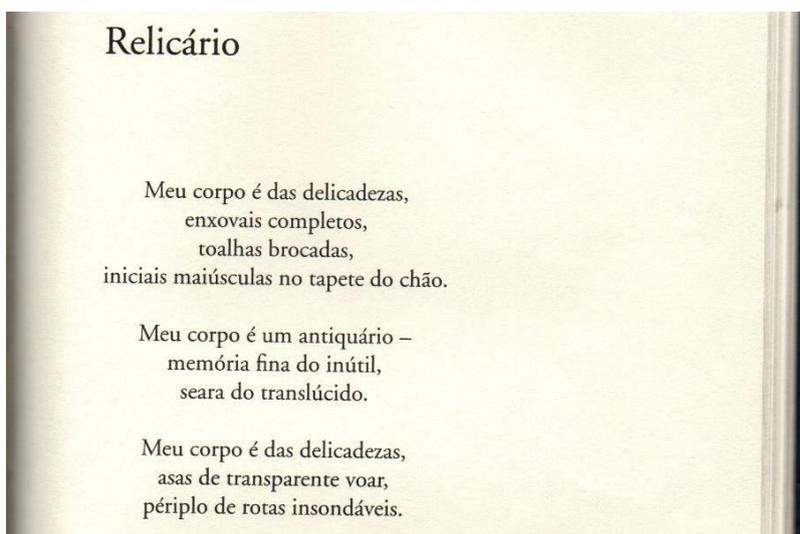
Daí a comparação entre as ondas no mar quando em direção as rochas se desmancham e as experiências amorosas vivenciadas por essas mulheres que saciando desejos corpóreos, precisam resistir ao “discurso descomposto, cambiante, plural” (Lívia Natália, 2016), que as despedaçam emocionalmente até o momento em que novamente se refazem. Trata-se, portanto, de uma obra que dialoga com as vivências de outras mulheres negras, permitindo o questionamento acerca das relações afetivas, despertando o empoderamento feminino, discutindo sobre a representação dos corpos e suas amarras, ao passo que prega pela resistência desse público.

Em seguida, a próxima seção do livro é a intitulada “Marés sem fim”, composta por 8 poemas, em sua maioria curtos e com profundas reflexões ligadas ao campo sentimental e à introspecção. Nesse contexto, o eu lírico em “Versos escritos à beira do dia”, “Lágrima de Ícaro” e “Canção do silêncio” (Lívia Natália 2016) se revela como alguém que observa com detalhes sua realidade e

os impactos dessa em sua identidade, destaca ainda as perseguições e todas as formas de violência pelas quais a mulher negra tem sofrido e a sociedade se convencionou a assistir. “Da hora do cansaço” (Lívia Natália 2016) a reflexão se volta para a exclusão racial e ausência de representatividade negra, bem como para a automutilação da imagem/estética com o propósito de se assemelhar aos ideais de beleza da branquitude. “Perdida”, “Corpo” e “Voto” (Lívia Natália 2016) referem-se aos anseios femininos, ao campo dos afetos, a insatisfação amorosa, desejos, erotismo e solidão da mulher negra.

Já o poema “Ritos” (Lívia Natália 2016) se enquadra numa obra metalinguística, visto que o texto é construído através de comparação metafórica sobre o ato da menstruação, seu processo de expelir óvulos não fecundados, com o artifício de criação poética, em que as palavras, também brotadas da alma de seu autor, são levadas ao mundo, até que o processo se repita novamente.

Percebe-se, portanto, a partir desse texto, a possibilidade de diálogos interdisciplinares entre componentes curriculares como Língua Portuguesa e Biologia que juntos poderão, partindo do trabalho com esse poema, realizar a leitura em todas áreas e contextualizar a obra com seus conteúdos de ensino. Por fim, o poema “Relicário” (Lívia Natália 2016, p.51) vale a pena ser destacado pela forma autônoma como a mulher negra se autodefine:

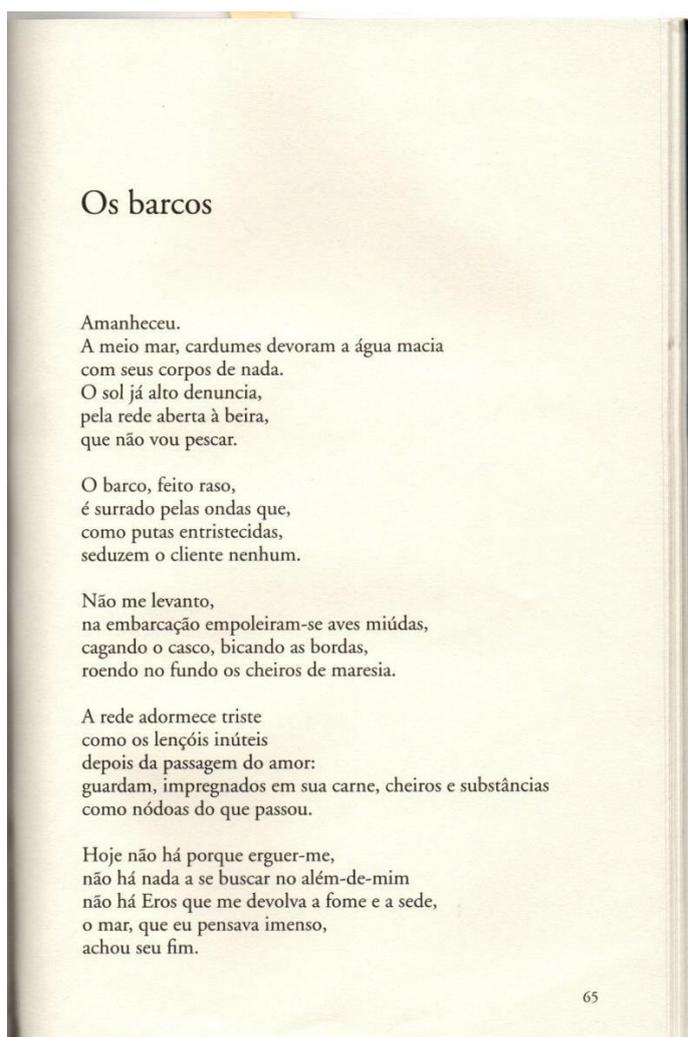


O título “Relicário” cujo significado de acordo com o dicionário Aurélio é “lugar próprio para guardar relíquias” relaciona-se perfeitamente com o que é proposto pelo texto, visto que, segundo o eu lírico o corpo é então esse lugar que armazena todos os elementos que compõem a mulher negra, em principal sua

delicadeza. Para isso então, a autora utiliza do paralelismo – repetição sucessiva – do trecho “Meu corpo é” demonstrando, pois, sua satisfação e contentamento diante daquilo que representa.

Por esse motivo, essa é, portanto, uma obra que deve ser apropriada por adolescentes, jovens e adultas negras para que assim como a figura feminina do texto, essas possam também de valorizar, se amar e se permitirem serem delicadas, apesar das marcas históricas e sociais que as perseguem. Desse modo, é perceptível que a representatividade é imprescindível para qualquer pessoa, principalmente para as adolescentes, já que estão em fase de transformação biológica-identitária.

“Desaguar” é a penúltima seção do livro. Essa é composta por 6 poemas, embora seu sumário indique que são 5, deixando de fora dessa lista o primeiro texto da seção intitulado “Os barcos” (Livia Natália 2016) que diz:



Nesses versos percebe-se a relação estabelecida entre a vida do pescador, que é dependente de situações favoráveis para a realização da pescaria e a afetividade muitas vezes solitária da mulher negra que após a partida de seu amado só lhes resta esperar sem a certeza da volta, assim como o pescador espera pelo peixe. Essa insatisfação amorosa é revelada no trecho que diz “Não há *Eros* que me devolva a fome e a sede / O mar, que eu pensava imenso / Achou seu fim”, em que a presença do vocábulo de origem grega “*Eros*” cujo significado é amor, desejo, revela os conflitos internos vividos por essa que anseia pela correspondência amorosa, mas que não tem vivenciado relações profundas, infinitas, como se esperava. Esse tipo de leitura é, pois, adequada para o público do ensino médio que vivencia ou irá vivenciar suas primeiras relações amorosas durante essa fase carregada de conflitos internos.

Em relação aos outros textos desta seção é possível categorizá-los em obras melancólicas, ou seja, todos os cinco poemas seguintes promovem reflexões sobre o impacto da morte sob o ser humano. Para isso, a autora em cada texto discute acerca desse episódio que deixa marcas, independente de quem tenha partido. Nesse sentido, o poema “Enterrado vivo” (Lívia Natália 2016) fala sobre o momento em que o cadáver é velado correlacionando esse fato de maneira metafórica com aqueles que hoje vivem de uma forma como se já estivessem desistido da vida, se anulam “presença indecisa”, é sempre “carregado”, deixando esse pensamento evidente logo em seu título.

Em “Elegia” (Lívia Natália 2016), o eu lírico reflete acerca da tristeza que a morte provoca, seja pelo falecimento de alguém conhecido ou não, e que quando essa atinge um semelhante, principalmente em situações de violência, o eu lírico revela ficar desorientado, sem saber o que fazer para lidar com a dor. a dor da perda de mais um que cada dia que passa meche na ferida que custa a cicatrizar, como destaca através do verso que diz “desabriga o sangue das feridas secas”.

No texto “Visitação” (Lívia Natália 2016) também sobre essa temática, há referências a morte de um personagem específico “o criador de passarinhos”, ou seja, trata-se de uma metáfora para se aludir a alguém que dedicou sua vida para cuidar, lutar e proteger outros seres que careciam de cuidados, mas que através de seus ensinamentos puderam ser libertos físico e intelectualmente e por tal feito esse personagem então tem suas asas cortadas, mutiladas, censuradas. Esse

texto em sala de aula, através de um trabalho carregado de propósitos, permitirá aos estudantes reflexões que contribuirão para o desenvolvimento do senso crítico e construção de uma postura de tolerância e de respeito.

Ainda sobre esse tema, o poema “A uma ausente” (Lívia Natália 2016) através de uma linguagem simples, embora profunda, revela o drama enfrentado por alguém que perdeu sua irmã e, por isso, demonstra no texto toda a sua angústia, tristeza, saudade e destaca também as lembranças de momentos marcantes vividos juntos. Por fim, em “*Oriki para Osun*” (Lívia Natália 2016) último poema dessa seção, com apenas três versos trata-se de um pensamento intenso e direto que fala das incertezas da vida, que tal como um rio em falsa calma tudo é imprevisível, por isso somos, a qualquer momento, surpreendidos positivo ou negativamente pelo destino.

Finalmente, a última seção intitulada “Outras Águas” possui um conjunto de 17 poemas que, de maneira geral, se destacam por sua função engajada, assim alguns sutilmente passeiam por temáticas sociais, enquanto outros fortemente abordam casos reais que escandalizaram o Brasil contemporâneo. Nesse contexto, grande maioria dos poemas dessa seção abordam reflexões sobre maternidade, solidão, amor, fé.

A figura materna se sobressai tal sua grandiosidade e força, desse modo, o poema “Herança” (Lívia Natália 2016) destaca sofrimentos hereditários enfrentados por mulheres negras que se repetem independente da época, representando a mãe como aquela que inspira, como mulher forte, sábia, e que também foi marcada pelas mesmas dores e solidão, por isso se torna a voz da experiência e da sabedoria. “Maternidade” (Lívia Natália 2016) reflete acerca do desejo de ser mãe que muitas mulheres possuem, entretanto muitas delas enfrentam gestações condenadas por abortos, por isso acabam levando uma vida triste e sem perspectivas, pois a pressão interna e social às discriminam ainda mais.

Sob essa ótica o poema “[Morrer deve ser tão frio / quanto na hora do parto.]” (Lívia Natália 2016), título presente em um trecho da canção “Aqui Agora”³³ de Gilberto Gil, relata a angústia enfrentada pelas mães que vivem

³³ Canção de Gilberto Gil disponível no álbum “Refavela” lançado em 1977.

amedrontadas com a possibilidade da chegada da morte no processo da maternidade, principalmente após o parto, pois a perda da criança é ainda mais triste que os abortos sofridos. Nesse texto, há também a presença de refrão “que seja breve, que seja leve, mas não agora” revelando a prece de uma mãe diante do sofrimento de perder um filho, visto que é ela, pela ligação profunda que tem com ele, a que mais sofre diante da ocorrência desse fato. Desse modo, há diversas possibilidades para levar esse poema para a sala de aula de maneira contextualizada e significativa, principalmente ao passo que se correlaciona com a obra de Gilberto Gil a fim de compreender suas reflexões possíveis e locais de fala.

Em “Desamparo” (Lívia Natália 2016) a reflexão gira em torno do abandono dos filhos à casa dos pais, inicialmente o abandono do útero materno, sua primeira casa, e posteriormente a saída do lar para trilharem seus próprios caminhos, supervalorizando também a mulher como protagonista dessa relação afetiva/materna. Muitas das garotas do ensino médio público baiano convivem com a figura materna como sendo a única responsável pela sua criação, seja a partir da imagem da mãe ou da avó. Há também aquelas que desde cedo deixam seu lar para residirem em outras regiões a fim de trabalharem, principalmente em serviços domésticos, buscando uma vida melhor, ao passo que conciliam a duras penas o trabalho com os estudos. Daí, poemas como esses dialogam com essas realidades e se tornam leituras significativas.

Em se tratando de amor e sofrimento, o poema “E uma canção desesperada” (Lívia Natália 2016) relata as dores físicas e psicológicas que atingem a mulher, dores específicas a sua natureza e que muitas vezes essas múltiplas dores nem ao menos se disfarçam. Em “Canção do Amor nenhum” (Lívia Natália 2016) o eu lírico destaca a desilusão amorosa provocada pelo abandono afetivo, pela solidão e tratamento recebido pelo amado que somente aproveitou de tudo que ela podia oferecer sem abonar nada em troca.

Além disso, a letra “A” maiúscula na palavra “amor” foi empregada para supervalorizar esse sentimento tão inatingível e assim como Luiz Vaz de Camões, sua tentativa de definir esse sentimento tão complexo, é falha, já que se trata de uma emoção indecifrável. “Filosofia das Águas” (Lívia Natália 2016) aborda o enlace amoroso entre a mulher e seu amado com quem está completamente

envolvida, embora demonstre medo e desconfiança. Esse envolvimento é correlacionado com as águas do mar, seus mistérios, suas belezas, incertezas. A temática amorosa faz parte de muitas obras literárias analisadas pelos materiais didáticos dessa etapa. Entretanto, se percebe que essas obras abordam protagonistas cujos perfis se distanciam daquelas que frequentam o ensino médio.

Já em “Ausência” (Lívia Natália 2016) o poema se constitui pelos anseios da mulher que espera pela chegada do amor, desejo apresentado e que através de sua fé acredita que chegará, mas sofre pela fria, dolorosa e solitária espera. Portanto, todos esses textos com temáticas e abordagens diferentes em uma única obra, tornarão o trabalho literário em sala de aula muito rico, diversificado e significativo, menos machista, racista e intolerante.

Ademais, como reforço a sua crença “Um *Ebó* de puro Amor” (Lívia Natália 2016) é dedicado a religiosidade. Esse apresenta termos *yorubás* como “*Ebó*” e descreve ritos religiosos de limpeza da alma e oferenda a orixás que como consequência contribuirão com a oferta do maior desejo do eu lírico, a conquista de um amor, de um marido, de filhos. O texto “Dos precipícios” (Lívia Natália 2016) levanta questionamentos acerca do poder que a palavra tem, ela encanta, revela, protege, silencia, grita. Desse modo, a autora repensa sobre seu fazer poético e compreende toda a sua importância.

Em “A mulher do cabelo comprido” (Lívia Natália 2016) outra potencialidade lhe é destacada: a força que a estética feminina possui. Essa garra é apresentada no texto através das referências aos cabelos compridos, ou seja, esse elemento representativo de uma ancestralidade a faz ainda mais forte e independente. Outrossim, “A Esfinge” (Lívia Natália 2016) se destaca pela comparação realizada entre a mulher negra e a misteriosa Esfinge egípcia que, composta por diversos elementos, é uma figura mítica com várias simbologias, do mesmo modo é a figura feminina negra que guarda em si mistérios e espera que alguém os possa ser capaz de decifrar.

Em se tratando dos poemas que abordam reflexões acerca de episódios reais – que através de suas leituras esses contribuirão para que os estudantes possam conhecer ainda mais e com profundidade certos acontecimentos que marcaram negativamente a história do país - tem-se “Uma - ferida – por todas”

(Lívia Natália 2016), obra que destaca o fato perverso em que cerca de 33 homens estupraram uma jovem de 16 anos no Rio de Janeiro em 2016. A garota foi dopada e violentada tendo ainda sua imagem divulgada nas redes sociais. Esse caso ficou conhecido como estupro coletivo e chocou o país por tamanha crueldade.

A poeta relaciona ainda o trava-língua popular “Três pratos de trigo” com esse ocorrido, relacionando o perfil desses homens desumanos a condição animaléscia representada pelos tigres que o trava-língua apresenta. No poema é intensificada também a dor que todas as mulheres sentiram após terem ciência do ocorrido, ou seja, um trágico episódio que revela as consequências da manutenção de uma sociedade patriarcal que insiste em violentar a mulher. Ao tratar de temáticas como estupro, violências contra a mulher e machismo, por exemplo, é interessante, como estratégia metodológica, analisar nesses momentos, escritas como esse texto, que refletem profundamente sobre esses fatos e o mais importante, a partir da visão de uma mulher.

“Solstício” (Lívia Natália 2016) - cujo título refere-se a mudança sequencial das estações do ano de acordo com o movimento solar - relaciona-se a maneira como os assassinatos em áreas de vulnerabilidade se tornaram comuns e tem se repetido, quase se naturalizado. Assim, sobressalta o número exorbitante de homens mortos nesses locais, por isso a repetição do verso “num tempo de homens partidos” destacando os inúmeros tiroteios ocorridos nessas áreas do país e a solidão das mulheres que sofrem com essa partida.

Nesse mesmo contexto, o poema “111 tiros, 111 presos, 111 negros” (Lívia Natália 2016) também discute acerca desses assassinatos e apresenta um episódio ocorrido em 2015 que inspirou a autora a escrever esse texto. O poema diz:

111 tiros, 111 presos, 111 negros

"Porque os presos são quase todos pretos."

Amanhã uma bala perdida atingirá meu peito.
Serei apenas outra negra perdida
Ante a bala encontrada.
Da viatura, gritarão que transportávamos droga,
Que atiramos com armamento pesado,
Que reagimos e tombamos.

Como do Dantesco tombadilho,
Sobre nossos corpos, as moscas e os urubus –
De casaca e microfone à boca –
Enlouquecem dançando em espirais.

(Que mais fazer deste corpo calado?
Que mais fazer deste golpe violento na cara?
Como sanar, na ferida, o sangue?)

Preto é elemento marginal,
Com a face ladrilhada o menor vira alvo do jornal,
Depois, aluno de cadeira e pistola.
Há como calar com esta bebida amarga
Tragando o paladar?

Reagimos, sim! Desobedecemos:
Uma mulher me confundiu com a empregada
Me apontando o elevador,
Eu a matei.

Meu irmão foi perseguido no mercado pelo segurança,
E suas mãos se demoraram sobre a carne branca,
Até estilhaçar sua humanidade.

Os meninos de rua invadiram as casas e mataram as sinha-
zinhas.
Não houve jeito.

Precisamos reagir.
Se a casa grande nos deve até a alma,
Que comecem os jogos, que paguem com o que se paga:
E ei de escolher minhas peças pelos dentes.

Esses versos referem-se ao fato ocorrido em dezembro de 2015 no Rio de Janeiro em que cinco jovens foram executados com 111 tiros, 81 desses foram de fuzil e 30 de pistola por Policiais Militares que atiraram contra o carro em que as vítimas estavam. Após investigação foi identificado que o batalhão pelo qual esses PM's trabalhavam é o que mais mata na cidade.

Esses jovens representam negras e negros que são sempre atingidos por balas ditas perdidas, mas que tem tirado muitas vidas. Em casos como esse em que há o envolvimento policial, muitas das justificativas apresentadas para tal violência se dá como dizem os versos: "Da viatura, gritarão que transportávamos

droga, / Que atiramos com armamento pesado, / Que reagimos e tombamos” , ou seja, a pessoa negra é subjugada apenas pela cor da pele.

Esse pré-julgamento vitimiza inclusive jovens negros estudantes que, muitas vezes a caminho da escola, com uma mochila nas costas, são tratados como ladrões, traficantes, surrados injustamente pela polícia, quando não mortos a tiros. Há também aqueles que embora não tenham passado por situações como essa, perderam, pais, irmãos, parentes ou amigos dessa forma.

Como recursos textuais a autora constrói nesse poema interrelação com outras obras literárias, a primeira delas trata-se do verso abaixo do título “Porque os presos são quase todos pretos” que faz parte de um trecho da música “Haiti”³⁴ de Caetano Veloso que discute sobre a ocorrência do racismo nos dias atuais, em que a sociedade teima em apontar a desigualdade racial fora do país e não enxerga a problemática que ainda assola o Brasil.

Outra referência literária se dá na segunda estrofe do poema em que a autora recupera a voz de Castro Alves em Navio Negreiro – obra que descreve os maus tratos sofridos pelos negros no período escravocrata com o tráfico negreiro realizado nos navios tumbeiros. Assim, correlaciona esse período que manchou a história brasileira com a atual condição dos negros no Brasil. Por fim, há um apelo do eu lírico a seus semelhantes para que juntos possam reagir, lutar e se prepararem para o confronto direto à discriminação racial.

Destarte, o cenário da política brasileira também ganha destaque nessa seção com os poemas “1964” e “180” (Lívia Natália 2016), ambos que empregando em seus títulos representações numéricas, exploram fatos reais ocorridos no Brasil e que marcaram negativamente a história política nacional. Desse modo, através de um trabalho interdisciplinar com a disciplina de História, durante os estudos desse período, é possível, promover, através de atividades de leitura, uma motivação maior para com os estudantes, já que se trata de uma estratégia metodológica dinamizada para a disciplina, além de possibilitar aos estudantes uma reflexão profunda acerca desses acontecimentos.

Em “1964” o texto contextualiza o período do golpe militar, instaurado no país, e suas consequências até os dias de hoje, com os escândalos na política

³⁴ Canção composta por Caetano Veloso e Gilberto Gil em 1993, disponível no álbum “Tropicália 2”.

brasileira marcados por casos de corrupção, por isso, o eu lírico chama a atenção de todos os cidadãos destacando a ineficiência desse setor e sua desassistência para com o povo.

Ademais o poema “180” é dedicado a ex-presidenta Dilma Rousseff, primeira mulher a alcançar o posto no país, que enfrentou de cabeça erguida o processo de impeachment sendo afastada da presidência por 180 dias enquanto perdurasse o julgamento no Senado. O poema é apresentado como uma profecia bíblica em que a mulher apesar de ser a liderança suprema é condenada a enfrentar durante esses 180 dias diversos tormentos, mesmo assim não se abateu, nem desanimou ou desistiu, seguiu firme e confiante, entrando para a história do país.

Em síntese, a análise acima, da obra em destaque, permite concluir que a proposta didático-pedagógica principalmente do ensino médio baiano, como é proposto por esta pesquisa, carece da inclusão da literatura negra feminina. Visto que, a partir dessa abordagem em sala de aula, seja através de rodas de leitura, de atividades de interpretação textual, de debates acerca de suas temáticas, seminários, e diversos procedimentos metodológicos, será possível a implementação de uma educação antirracista, pois como afirma Munanga:

o preconceito inculcado na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre os alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado (MUNANGA, 2001, p. 8).

Logo, os professores não devem se silenciar diante de ocorrências de discriminação racial na escola, mas promover a igualdade de direitos no cotidiano da sala de aula. Por isso, é importante formação contínua e específica para esse público, a fim de consolidarem seus conhecimentos sobre a história e cultura africana e afro-brasileira de modo que se possa romper com o mito da democracia racial predominante ainda em materiais didáticos e disseminado na própria literatura.

O texto poético “Água Negra e Outras Águas” de Lívia Natália (2016) se encaixa perfeitamente nessa proposta da educação antirracista, pois o negro,

especificamente a mulher negra, é apresentada na condição de sujeito revelando seus desejos, suas memórias, história, ancestralidade, crenças, estética, de forma que se torna um símbolo de representatividade e inspiração para suas semelhantes, principalmente aquelas que estão passando pela educação básica, mas que compreendem exatamente o que a autora reflete e expressa. Por esse motivo, tal obra é fundamental para que o empoderamento dessas jovens estudantes negras baianas possa ocorrer e estas então se tornarem conscientes coletivamente de sua força e poder para que lutem por seus direitos e ocupação dos espaços, desenvolvendo assim a equidade de gênero/raça.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a finalidade do ensino médio público e seus principais desafios na atualidade, o presente trabalho, através do estudo de trechos de documentos oficiais, destacou a importância de práticas pedagógicas que envolvam a literatura negra, como um dos meios necessários para superar os obstáculos e contribuir para a significância dessa etapa que no estado da Bahia recebe em sua maioria alunas e alunos negros.

O desenvolvimento dessa pesquisa possibilitou uma análise de como a Literatura Negra de autoria feminina pode ser um meio eficaz para a garantia do ensino-aprendizado e formação identitária de alunas negras do ensino médio público do estado. Além disso, permitiu também a divulgação e valorização da escrita da autora negra baiana contemporânea Livia Natália, através da análise dos poemas de um de seus livros “Água Negra e Outras Águas” (2016) que foram explorados no decorrer desse trabalho e demonstrado que seus elementos referem-se ao universo e subjetividades da população negra, sendo uma ferramenta importante para o protagonismo e expressividade de uma voz representativa, principalmente para suas semelhantes.

Durante a exploração dos poemas foi possível evidenciar que a autora trata de questões internas e externas como racismo, machismo, corrupção, violência, maternidade, afetividade, religiosidade, memórias, entre outros fatores comuns a realidade afro-brasileira. Por isso, a importância da inclusão desses textos nas

aulas de literatura do ensino médio, bem como em outras disciplinas curriculares também, a partir de um trabalho interdisciplinar, para que obras como essa se tornem valorizadas, tal a contribuição que podem ofertar para o ensino. Vale ressaltar também que, ao passo que a escola empodera seus sujeitos e passa a fazer sentido para seu alunado, conseqüentemente os índices educacionais melhoram, o discente passa a compreender e refletir acerca de sua realidade, se identifica, desenvolve sua autonomia e fortalece suas identidades.

Assim, é possível legitimar uma produção literária negra feminina nas discussões de raça, classe e gênero, pois como um rio que sutilmente trafega seu caminho é a escrita de Lívia Natália, uma autoria marcada pela maleabilidade perspicaz e intensa, assim como as águas dos rios, correntezas e mares, todavia, em sua escrita essas são “águas negras”.

Vale ressaltar também que o livro de poemas “Água Negra e Outras Águas” é ainda pouco visitado pela crítica contemporânea e necessita ser inserido na pauta de discussões que envolvem a literatura afro-brasileira de autoria feminina. Além disso, como demonstrou essa pesquisa, os programas voltados para a aquisição de obras literárias para serem distribuídas nas escolas da educação básica, precisam ser condizentes com o público que atende, e para isso é indispensável a adoção de obras de literatura negra, principalmente de autoria feminina, como é o caso da obra aqui analisada. Portanto, este estudo abre caminhos para novos mergulhos em campos ainda pouco explorados na área da literatura negra de autoria feminina baiana.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AOYAMA, A. L. F.; PERRUDE, M. R. S. **Educação e Diversidade: As armadilhas produzidas e reproduzidas no espaço escolar**. IX Semana 20 da Educação da UEL: política e gestão da educação: questões em debate. Londrina: UEL, 2009.
- BERND, Zilé. **Introdução à Literatura Negra**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1988.
- BNCC, Ensino Médio. **Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc-etapa-ensino-medio>> Acesso em: 05/Dez/2018.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 13/Jun/2019.
- BRASIL. **Lei 10.639, DE 9 de janeiro de 2003**.. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em: 15/Jun/2019.
- BRASIL. **Lei 11.645, de 10 de março de 2008**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 15/Jun/2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COSTA, Cleber Lázaro Julião; GESSER, Roselita. **Menina Mulher Negra: construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa**. [Revista Brasileira de Psicodrama](#), versão *On-line*. ISSN 2318-0498 Rev. bras. psicodrama vol.26 no.1 São Paulo jan./jun. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010453932018000100003>. Acesso em: 20/Jun/2019.
- CUTI, Luíz Silva. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DALCASTAGNE, Regina. **Isso não é Literatura**. In: Entre Fronteiras e Cercados de Armadilhas. – Brasília: Editora UNB, FINATEC, 2005, p.65 – 74.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem no romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea. Brasília, nº 26, p. 1371, jul./dez. 2005.
- DOMÍCIO, Proença Filho. A trajetória do negro na literatura brasileira. Estudos Avançados 18 (50), 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/250983853_A_trajetoria_do_negro_na_literatura_brasileira> Acesso em: 20/Nov/2019.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. Martins Fontes. São Paulo 2006. Biblioteca universal. Disponível em:
<<https://interartesufgd.files.wordpress.com/2016/05/eagleton-teoria-da-literatura.pdf>>
Acesso em: 18/Jan/2019.

FERREIRA, R. F. **Afro-descendente: identidade em construção**. Rio de Janeiro: Pallas. (2009).

FERREIRA, Lola. **Menos de 3% entre docentes da pós-graduação, doutoras negras desafiam racismo na academia**. Gênero e Número. Disponível em:
<<http://www.generonumero.media/menos-de-3-entre-docentes-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/>> Acesso em: 14/Abr/2019.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura negra: os sentidos e as ramificações**. LITERAFRO. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro> Acesso em: 22/Mai/2019.

GARCIA, Débora. **Cadernos Negros: 40 anos de luta por narrativas negras**. Brasil de fato – Uma visão do Brasil e do mundo. 2017. Disponível em:
<<https://www.brasildefato.com.br/2017/12/15/cadernos-negros-40-anos-de-luta-por-narrativas-negras/>> Acesso em: 22/Jan/2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart.; SILVA, Tomaz Tadeu da.; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. Editora Vozes; Edição: 13ª. 2012.

hooks, bell. **Alisando o Nosso Cabelo**. GELEDÉS. 2014. Disponível em:
<<https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>> Acesso em: 11/Ago/2019.

hooks, bell. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995, p.454-478.

IDEB - Resultados e Metas. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>> Acesso em: 20/Out/2019.

JESUS, Adriana Regina de. **Currículo e educação: conceitos e questões no contexto educacional**. 2008. Disponível em:
<https://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/642_840.pdf>. Acesso em: 09/Ago/2019.

LORDE, Audre. **La hermana, la extranjera, artículos y conferencias**. Produção e realização: JC Produções Gráficas. Página 07, 1984. Disponível em:
<<https://giefas.org/download/biblioteca/feminismo-antirracismo/Audre-Lorde.-La-hermana-la-extranjera.pdf>>. Acesso em: 20/Fev/2019.

MAIA, Cíntia Nolácio de Almeida. **Alunas negras e escola: algumas reflexões sobre formação de identidades raciais e de gênero nesse espaço**. Disponível em:

<http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/49/1473801653_ARQUIVO_alunasnegraseescola.pdf> Acesso em: 10/Mai/2019.

MARIANO, Agnes. **A invenção da Baianidade**. São Paulo: Annablume, 2009.

MUNANGA, K. (org.). **Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial**. São Paulo, EDUSP, 1996.

MARÇAL, Matheus Menezes. **Nos olhos de mulheres negras: estudo das poéticas de Cristiane Sobral, Jenyffer Nascimento e Lívia Natália**. Escola de Humanidades Programa de Pós-graduação em Letras. Mestrado em Teoria de Literatura. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2018. Disponível em:

<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/8042/2/DIS_MATHEUS_MENEZES_MARCAL_COMPLETO.pdf> Acesso em: 20/Dez/2018.

MORAES, Vidigal.; SYLVIA, Carmen. **Formação de professores do ensino médio**. Etapa I - caderno I: ensino médio e formação humana integral / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica; Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013. 51p.

NATÁLIA, Lívia. **Água Negra**. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2011.

NATÁLIA, Lívia. **Água Negra e Outras Águas**. Salvador: Caramurê Publicações, 2016.

NATÁLIA, Lívia. **Correntezas e outros estudos marinhos**. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015.

LÍVIA Natália. **Escritoras Negras da Bahia**. Disponível em:

<<https://escritorasnegras.com.br/escritora/livia-natalia/>> Acesso em: 19/Dez/2018.

Orientações Curriculares do Ensino Médio. **Secretaria da Educação do Estado da Bahia**. Disponível

em:<<http://escolas.educacao.ba.gov.br/orientacoescurricularesestaduais>> Acesso em: 20/Jan/2019.

PARÂMETROS, Curriculares Nacionais Ensino Médio. **Ministério da Educação**. 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf> Acesso em: 11/Dez/2019.

PIMENTEL, J. Fernando. **Canonização e Santificação**. 2016. Disponível em:

<<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2016/01/06/noticiasjornalopiniao,3557458/canonizacao-e-santificacao.shtml>> Acesso em: 18/Jan/2019.

PINHO, Osmundo S. de Araújo. **A Bahia no fundamental: uma interpretação do discurso ideológico da baianidade**. Rev. bras. Ciên. Soc., São Paulo, v. 13, n. 36, fev. 1998.

SANTOS, Luiz Henrique Sacchi dos. **Heteronormatividade E Educação**. In: Seminário de Gênero e Sexualidade na Escola, Brasília, 12 de novembro de 2007.

SARDENBERG, Cecília M.B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. NEIM/UFBA. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO, Salvador, Bahia, de 5-10 de junho de 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>> Acesso em: 01/Set/2019.

SILVA, Ana Rita Santiago da. **A Literatura de escritoras negras: uma voz (Des) silenciadora e emancipatória**. *Interdisciplinar* Ano 5, v. 10, jan-jun de 2010. p. 175-188.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CED – Centro Editorial Didático e CEAO - Centro de Estudos Afro - Orientais, 1995, p. 47.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH). Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/literatura-negra-periferica-e-fundamental>> Acesso em: 15/Mar/2019.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NATÁLIA, Livia. **Eu mereço ser amada**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/eu-mereco-ser-amada/>> Acesso em: 20/Ago/2019.

SOUZA, Taise Campos dos Santos Pinheiro de. **Modos de produção, circulação e publicação de obras de escritoras negras**. Anais Seminário Interlinhas 2014. Fábrica de Letras. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/asipc/article/view/4686>> Acesso em: 14/Abr/2019.

TANUS, Gustavo. **Confluências de águas: Correntezas e outros estudos marinhos, de Livia Natália**. Literafro. UFMG. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/poesia/109-livia-natalia-correntezas>> Acesso em: 22/Mai/2019.

TOMAZ, Tadeu da Silva. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

TOMAZ, Tadeu da Silva. **A produção social da identidade e da diferença**. Disponível em: <<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/A%20produção%20social%20da%20identidade%20e%20da%20diferença%20-%20Tomaz%20Tadeu%20da%20Silva.pdf>> Acesso em: 15/Mar/2019.

VERÔNICA, Maria. **A escrita antifascista de Livia Natália (parte I)**. 2018. Disponível em: <<https://letraspretas.com/2018/10/16/a-escrita-antifascista-de-livia-natalia-parte-i/>> Acesso em: 15/Jan/2019.